SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

ANO XXVIII
MARÇO/ABRIL
DE 1972
N.os 323/324

Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

A FRATERNAL

DOS ANTIGOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL EM LONDRES

UMA JORNADA MEMORÁVEL

Esta reportagem foi realizada pela equipa de «Sempre Pronto» que se deslocou a Londres, constituída por Joel Ribeiro, Mariano Garcia e Armando Inácio.

No relato da visita a Gilwell Park, tivemos a colaboração dos nossos camaradas Wolfgang Karl e Eduardo Xavier.

É talvez um sinal da evolução dos tempos. Mas não pode deixar de representar uma vitória magnífica a coroar o esforço de um reduzido grupo de entusiastas, ao mesmo tempo que um sinal da vitalidade da nossa «Fraternal», a organização da viagem que levou a Londres mais de uma centena de companheiros, entre antigos escoteiros e suas famílias.

A ideia nasceu há um ano do entusiasmo e dedicação do companheiro Amílcar Fernandes que, dando conta da sua aceitação entre um largo número de companheiros, não mais deixou de trabalhar para que ela se transformasse em reconfortante realidade. Rodeado das costumadas boas vontades, foi deitar mãos à obra num esforço que só parou quando, felizes e contentes, os 104 excursionistas desembarcaram em Lisboa, já de regresso de uma viagem que concretizou a mais arrojada realização até hoje levada a efeito sob o patrocínio da «Fraternal».

Ao recordarmos, a traços largos, o que foi a memorável jornada comecemos por fazer ecoar o nosso forte e bem sincero «BRAVO!!.» pelo excelente trabalho da comissão organizadora.

A viagem

Se para alguns dos participantes se tratava apenas de mais uma viagem, a grande maioria vivia um acontecimento marcante na sua vida, o baptismo do ar. Daí um mal disfarçado nervosismo a dominar os preparativos da partida, que um atraso de mais de duas horas veio acentuar ainda mais.

A longa espera não foi desaproveitada, porém, já que proporcionou a agradável convivência entre antigos escoteiros do Norte, do Centro e do Sul do País, que ali se juntavam para conjuntamente iniciarem mais uma jornada de fraternal companheirismo. Abraçaram-se velhos conhecidos, apresentaram-se esposas, filhos e outros familiares, que houve quem estendesse esta hora de alegria escotista a toda a família.

Continua na pág. 6



O momento em que os escoteiros portugueses, na Abadia de Westminster, prestam homenagem à memória de Lorde Baden-Powell. O escoteiro José Vítor dos Reis Carolino empunha o estandarte da Fraternal

(Fot. de Álvaro Correia)

A VISITA AO ESCOTISMO BRITÂNICO

Esta viagem a Londres, se outro mérito não tivesse, serviria pelo menos para reavivar a nossa confiança no Movimento Escoteiro.

Não tenhamos dúvidas: a ancilose de que, entre nós, sofre o Escotismo faz com que, ao cabo de longos anos de estarmos nele mergulhados, nos cheguemos a convencer de que o movimento não é, afinal, aquela sociedade de juventude, alegre e empreendedora, de que nos falou B.-P.

Todavia, a estadia em Londres deu-nos azo a que pudéssemos estar em presença, embora em breves momentos, de uma forma evoluída do Escotismo, um Escotismo assemelhável em variados aspectos àquele que B.-P. idealizara.

Efectivamente, a visita à Casa de Baden-Powell ofereceu-nos o ensejo de contactarmos não só com uma organização modelar e moderna, mas também de nos encontrarmos com escoteiros que demonstram aquele saudável espírito de servir que o Fundador preconizara. Não se sentiu ali apenas a tradicional hospitalidade britânica. Reinava também a comunhão espiritual que o Escotismo tem o condão de gerar entre os discípulos de B.-P., sejam eles dos países mais remotos, sejam das raças mais diferentes, sentimento este que os escoteiros britânicos revelam sobremaneira.

A excursão a Gilwell Park foi outro pretexto para os nossos irmãos ingleses demonstrarem o alto grau do seu espírito de camaradagem. Desde os veículos postos graciosamente à disposição dos foras-

Continua na pág. 15

NÚMERO DUPLO COMEMORATIVO DA VISITA DA FRATERNAL A LONDRES



Notícias do Grupo 19

Durante os últimos tempos tem este Grupo desenvolvido uma extraordinária actividade, a qual entusiasma todos os elementos activos, dando constantemente actividades de todo o género escotista.

Chefia

Realizou-se uma reunião geral, com representantes de vários movimentos culturais da Pontinha, nomeadamente J. O. C., C. A. C., Grupo Recreativo do Vale e Escola Agrícola da Paiã, com vista a uma confrontação de ideias para uma breve competição em várias modalidades de desportos.

Clã

Tem efectuado quase regularmente todos os Domingos, uma gravação (tipo programa de rádio) ouvida na sede pelos escoteiros e suas famílias.

Efectuou treinos de natação na piscina do Areeiro no passado dia 5 de Fevereiro, como preparação e aperfeiçoamento de Caminheiros para a caça submarina.

Tribo

Levou-se a efeito um concurso relâmpago, do qual foi vencedora a patrulha Pica-Pau, no qual se realizaram provas de nós e de observação, a qual despertou grande entusiasmo.

Realizou-se no dia 5 de Fevereiro p. p., uma actividade na mata da Paiã, que teve por objectivo instrução de Montanhismo, a qual foi dirigida pelo Chefe do Clã.

Alcateia

Está a decorrer um «Curso de Insígnia de Madeira», em que tomaram parte 9 Lobitos.

Voltou do Ultramar, onde esteve a cumprir o serviço militar, o Chefe de Alcateia Joaquim Assunção Lopes, que regressou ao activo. Desejamos as maiores felicidades no seu trabalho.

Foi nomeada uma nova Chefe Ajudante, Maria José Carmelinda Fernandes.

Notas diversas

Numa homenagem póstuma levada a efeito pelo Grupo 9 a um seu escoteiro, Carlos Alberto Silva Morais (COBE), no cemitério do Alto de S. João, no dia 12 de Fevereiro, estiveram presentes o Chefe do Grupo 9, Garrett; Chefe de C. Tribo e demais elementos do 19, representações das secções e especialmente o Chefe Ajudante, Virgílio da Silva Morais, irmão do defunto, e demais familiares.

No dia 19, a procissão da N. S. da Luz, em Carnide, foi orientada por 28 elementos do «19» e por elementos do Corpo Nacional de Escutas, de Carnide.

Falecimento

— Depois de estar um mês internado no hospital de Santa Maria, onde sofreu uma operação ao cérebro, em consequência desta intervenção, faleceu o caminheiro José Manuel Monteiro de Matos, o qual pertenceu ao Grupo desde a sua fundação. A família enlutada e especialmente aos seus dois irmãos, Isidro Matos e José Jorge Matos, o Grupo 19 e o «SEMPRE PRONTO» apresentam sentidos pêsames.

GAMO LIGEIRO

AS IDADES DA VIDA

(Do «Jornal do Comércio», com a devida vénia)

Gostava de saber se as outras pessoas crescidas (com mais de 60 anos, quero dizer) também se ocupam, de quando em quando, com fantasias e brincadeiras; ou se já estão irremediàvelmente sérias e circunspectas.

Fantasias inúteis, brincadeiras risonhas e sem maldade — como daquela vez, por exemplo, em que a minha mulher e eu, durante uma viagem de automóvel, chegámos à conclusão de que era incompleta, ou parcial, ou pouco imaginativa, a classificação corrente das fases do ciclo vital das pessoas em «infância, adolescência, maturidade e velhice» e decidimos logo ali procurar outra classificação que não tivesse apenas em conta a evolução física... e propô-la à Academia.

— A seguir à adolescência há um período em que os jovens sadios vivem em permanente ebulição, transbordando de amores, de ódios, de revoltas e de entusiasmos. É um período perfeitamente definido e característico — dizia um de nós; e logo o baptizámos de «efervescência».

— Depois vem a fase das ideias luminosas sobre os mais diversos e complexos assuntos, entre eles a salvação do mundo. É também uma fase típica dizia outro; e logo a baptizámos de «incandescência».

— Segue-se geralmente a bem conhecida fase em que nos convencemos de que os nossos paizinhos, ou os nossos chefes de repartição, são umas bestas, culturalmente inferiores e sem ao menos se terem apercebido que o mundo dera, ùltimamente, um grande passo em frente; e logo lhe chamámos o período da «suficiência».

— Já na maturidade há também uma fase característica a que poucos escapam — adiantava outro de nós; aquela em que acreditamos que somos indispensáveis. Que o nosso saber de experiência feito é essencial, ou importa, para a boa marcha das actividades a que estamos ligados. E que, se faltarmos uns dias ao escritório, ou ao consultório, ou à repartição, os negócios param, os doentes morrem e a burocracia entra em crise. Fase em que nos transformamos em fervorosos admiradores das nossas próprias capacidades; e chamámos-lhe a da «eficiência».

— Já mais maduros, descrentes, por vezes azedos, instalamo-nos naquele demorado período em que, tendo acumulado ao longo dos anos uma vasta e profunda experiência da vida e das coisas, verificamos (verificam-no os outros, geralmente), que ela já para pouco nos serve sem a imaginação criadora, o arrojo, a irreverência, a força física, o prazer do risco, que se gastaram em fases anteriores. É essa a verdadeira «decadência», concordámos ambos.

— E regressa-se de novo à insegurança e às incapacidades da infância, rematamos em coro...

De modo que a nossa classificação ficou assim:

«Infância, adolescência, efervescência, incandescência, suficiência, eficiência, decadência... e outra vez a infância».

Mas por qualquer razão de que já me esqueci não a apresentámos à Academia... e foi pena.

Creio que o humor não tem grande consumo nas academias deste tipo — e a nossa douta instituição não fará, por certo, excepção à regra. Não chegam os nossos académicos ao extremo de se considerarem imortais, como os franceses. Mas é tudo gente auto-solenizada. E deviam ser lindas de ver (ou de imaginar) as caras perturbadas daquelas pessoas ilustres a olhar detidamente para aquele documento insólito, sem se quererem convencer que a proposta era obra duns farsantes velhinhos.

Quanto a nós: Encurtámos muito a viagem enfadonha (em termos de fadiga e de aborrecimento): e, sobretudo, retardámos um bocadinho a «decadência» — que anda acompanhada, em geral, pela tendência de nos tomarmos a nós próprios demasiadamente a sério e de só nos ocuparmos com assuntos que temos por muito importantes.

KEIL DO AMARAL

PARA PONDERAR

Sugestões de um escoteiro-chefe

O apito

Antigamente, era hábito usar o apito nos jogos escotistas. Usado foi, também, como meio de transmissão em concursos entre patrulhas e para outros fins. Hoje o apito é apenas adorno da farda e a sua utilidade ficou no esquecimento. Vamos recordá-lo?

A farda

É muito interessante ver um grupo de escoteiros a trabalhar, em especial com o seu fardamento (pois com o seu auxílio faz-se algo), aqueles que sabem fardar. Mas é tão triste ver um escoteiro mal arranjado. Vamos ensinar aos rapazes que a farda é uma roupa normal, que serve para os distinguir dos outros.

Nota-se que especialmente a BOINA deve ser «muito pesada» para ser posta na cabeça.

Reuniões

Quando se fala em que numa reunião escoteira se faça uma palestra sobre tema que se não refira directamente ao Escotismo, há logo quem brade em voz bem alta «que não está certo».

Ora, se há interesse em que o rapaz tenha uma boa formação escotista, por que não se lhe deve falar em outros assuntos de interesse, como na vida de Camões, na vida marinha ou outro assunto útil?

Falcão Negro dos Mares

O Coronel Rebocho Vaz, Governador Geral de Angola, e o Tenente-Coronel Cock Fritz, Chefe da Repartição do Gabinete do Governador Geral, receberam condecorações dos Escoteiros de Portugal

Em 17 de Fevereiro passado, realizou-se em Luanda, no gabinete do Governador, a cerimónia da entrega da «Lis de Agradecimento» *ouro*, com que o Sr. Coronel Rebocho Vaz, governador geral de Angola, foi distinguido pelos Escoteiros de Porgugal, em reconhecimento do patrocínio dispensado aos grupos de escoteiros daquela nossa Província. Igual distinção, classe *prata*, foi entregue ao chefe daquele Gabinete, Sr. Tenente-Coronel Cock Fritz.

Leu o diploma que confere aquelas medalhas e reconhece os altos serviços prestados por aquelas entidades oficiais, o Escoteiro-Chefe Sr. António Augusto da Silva e Cunha, tendo assistido ao acto os Delegados Provinciais da Mocidade Portuguesa e da Mocidade Portuguesa Feminina; um representante dos Bombeiros Voluntários Cruz Branca; E. C. Manuel Nunes Pereira, do Grupo 39 de Benguela; chefes Zeferino Bastos e Ribeiro e Cunha, do 36 de Luanda; representantes do Grupo 25 em organização em Luanda; Dr. João António Martins, pelos pais dos escoteiros, e outros dirigentes escotistas.

Vêem-se na gravura, da esquerda para a direita, o Chefe Silva e Cunha, lendo o diploma; o Sr. Coronel Rebocho Vaz, Delegada da M. P. F., Delegado da M. P., um escoteiro de Benguela, a guia, que fez entrega das condecorações; Dr. João A. Martins, e o Chefe Manuel N. Pereira.



O nosso camarada escoteiro António Augusto da Silva e Cunha, na presença do Governador-Geral de Angola e doutras personalidades, lê o diploma que concede as medalhas com que os Escoteiros de Portugal agraciaram o Coronel Rebocho Vaz e o Tenente-Coronel Cock Fritz

O Governador Geral agradeceu a distinção, de que se não considerava merecedor, e prometeu todo apoio ao Escotismo.

Foram nomeados um comissário executivo e um administrador interamericanos

A Secretaria Mundial do Escotismo e o Conselho Escotista Interamericano acabam de anunciar e nomeação de Boris Ricci, do Peru, para o cargo de comissário executivo da região interamericana, o qual entrou em funções em 1 de Fevereiro último. Trata-se de um engenheiro-agrónomo diplomado em 1960 pela Universidade de La Plata, na Argentina. Possui igualmente um diploma de administração do desenvolvimento do Instituto Universitário de Administração Pública do Peru. Com muita experiência, foi sempre um muito activo dirigente do Escotismo e de diversos organismos sociais, tais como os Rotários.

A Secretaria Mundial anunciou igualmente a nomeação de Enrique Collyer, do Chile, especializado em comunicações e administração, para o cargo recentemente criado de responsável das finanças e da administração. Tem também um grande conhecimento do Escotismo e vive na Costa Rica.

Reunião em Genebra dos Comissários Regionais

Os comissários das cinco regiões escotistas reuniram-se recentemente em Genebra, dentro do programa da Conferência de planeamento anual, instituída em 1968, quando da reorganização da Secretaria Mundial.

O tema principal foi a aplicação do plano quinquenal estabelecido na Conferência Mundial de Tóquio.

Trata-se de melhorar, a todos os níveis, os factores de qualidade, quantidade e recursos.

Depois da determinação das necessidades e do potencial de todos os países, o trabalho no campo, que será efectuado por equipas regionais, permitirá aos países formular e aplicar o seu próprio plano a longo prazo.

Estiveram presentes os comissários Bennett B. Shotade (África), Ali el-Dandachi (Arábia), J. P. A. Silvestre (Ásia-Pacífico) e Jorgen G. Rasmussen (Europa) e ainda Armando Salas e Enrique Collyer (interamericano). Os convidados de honra foram António M. Delgado (Filipinas), presidente do Conselho Mundial do Escotismo, e William. D. Campbell (EUA), presidente do Conselho de Operações. Estiveram ainda presentes grande parte dos membros da Secretaria Mundial.

Admiração

Admirar... Tudo o que a nossa vista permite observar, o que nosso tacto pode sentir, o que os nossos ouvidos possam ouvir, enfim, tudo aquilo que os nossos sentidos demonstram pode ser um meio para exercer a acção de admirar.

Nós, escoteiros, somos ensinados a admirar tudo o que seja susceptível de o merecer, quer no campo ou na praia, na rua ou em casa, tudo o que nos rodeia pode ser motivo de admiração. Admirar é uma arte. Nem todos o sabem fazer e muitos desconhecem o que seja. Sim, e nesse número número contam-se aqueles que estão impossibilitados fisicamente de o fazer como cegos, surdos, etc..., mas que o desejariam fazer e talvez dessem mais valor do que muitos, que possuindo todos os sentidos, deles não sabem fazer uso.

No campo tudo é motivo de admiração constante, a beleza da natureza, o abrir das folhas na Primavera, o chilrear dos pássaros, os ninhos, a seiva das árvores, o correr da água num regato, enfim... montes e montes de coisas suscitam o nosso interesse e admiração.

No entanto, porque não falar também da admiração despertada pelo escoteiro? Quando passeamos por vezes fardados na rua, sentimos olhares curiosos voltados para nós, interrogando-se intimamente sobre o que faremos nós próprios. Muito simples seria dar uma resposta convicente, se a pergunta fosse efectuada em tom alto e nós pudéssemos ouvir. É certo que as pessoas sentem admiração ao ver um escoteiro, de calções, correcto e educado, ajudar uma velhinha a atravessar uma rua, mas saberão muitas vezes eles próprios a razão deste gesto? Muitos não o sabem, porque poucos são os que compreendem a verdadeira acepção do nosso movimento. Sabemos que somos admirados por aqueles que nos conhecem, e não seria belo poder sê-lo também por aqueles que actualmente nos desconhecem e sermos tomados como exemplo? Seria, se para isso houvesse um pouco mais de propaganda do movimento.

Que sejamos dignos de sermos admirados, não o nego, pois pouco ou nada fazemos para o desmerecermos. Mas, se ainda fosse possível sermos mais admirados, isto só demonstraria que não somos desprezíveis aos olhos da humanidade.

GAMO LIGEIRO

PENSE NA CAMPANHA DE ASSINATURAS.

CANTO DOS LOBITOS

AKELÁ, O VELHO LOBO

(De «Escotismo», 1936)

Naquela tarde de estio, Akelá, — o velho lobo —, já trôpego e cansado, regressava da caça.

O sol inundava de luz a floresta. O arvoredo sussurrava devido à acção da brisa. Um regato serpenteava, melancólico, entre a selva.

À entrada do covil, a mãe loba e os lobinhos esperavam Akelá. Este trazia apenas uma cria de veado que encontrara já semidevorada pelos abutres.

Os lobinhos eram muitos e tinham todos por Akelá, lobo velho, a amizade de filhos e o respeito de subordinados. Contudo, dois destacavam-se na alcateia: Kripik e Jak.

O primeiro era conhecido por «Lobo da Selva».

Azougado, esperto, vivo, mas obediente às leis que regiam o agrupamento de Akelá. O outro, porém, astucioso, mau, imprudente, não escutando as advertências paternais do velho chefe da tribo.

Naquela tarde, como disse, o velho regressava da sua divagação pela floresta. A caminhada quase se podia considerar inútil.

Costumava sempre trazer grandes mantimentos, mas, aquele dia fora-lhe adverso.

Ao ver o insucesso da caçada do pai, Kripik — o bom lobinho — prontificou-se a ir para o campo. — Que já era experimentado — dizia ele. E implorava:

— O pai está cansado... Deixe-me sair. Verá que se não arrepende...

Akelá sorriu-se, tristemente. — Havia muito que já não sentia nos seus membros aquela agilidade, bravura e perícia necessária para garantir o sustento da sua prole. E começou a pensar.

— Deixe-me ir, pai Akelá. Vai ser um dia de farturinha para a nossa alcateia.

Akelá concedeu-lhe permissão e, sorridente com os conselhos que o velho lobo lhe dera para triunfar na vida, Kripik saiu, manifestando espírito forte, agudeza no olhar, argúcia, manha, lealdade, tudo isto enfim. Lembrava-se do que, várias vezes, Akelá dissera à tribo, na Rocha do Conselho:

— «O lobinho não se escuta a si próprio, ouve primeiro o velho lobo, é obediente, abre os olhos e apura os ouvidos».

No outro dia, aos primeiros lampejos do Astro-Rei, Kripik voltou, carregado de mantimentos, latindo com alegria. Fora forte, ágil, audacioso, aplicando, assim, numa exigência da vida, aquilo que o sábio lobo lhe ensinara à laia de passatempo.

Akelá veio saudá-lo e, à noite, no Fogo do Conselho, a que acorriam alcateias vizinhas, pediu a protecção dos bons espíritos para o esperto lobito, a que chamou guia, entregando-lhe o cargo da educação e adestramento dos lobinhos mais pequenos.

A sua missão era das mais belas e de responsabilidade. Nos conselhos da tribo, o exemplo do guia era frisante e Kripik, respeitado pelos seus, apenas encontrava um inimigo no seu irmão Jak.

Este que além de tudo o mais era invejoso, procurou intrigar o bando, declarando o irmão incapaz de dirigir. Insubordinava os lobitos para que não obecessem ao esperto Kripik.

Akelá via a atitude de um e de outro. Kripik era bom elemento, mas o invejoso, a continuar assim, teria de ser expulso.

Ameaçou-o. Uma tarde, Jak chegou junto do pai e pediu-lhe:

— Deixa-me ir hoje buscar mantimentos.

— Não, — respondeu Akelá. — Tu não és capaz de enfrentar os perigos e de te livrares deles.

— Lá isso sou, meu pai e...

— Mas... — interrompeu o velho lobo — serias capaz de bater lealmente o teu inimigo?

Aqui Jak calou-se. Passou a instar tanto que Akelá, enfastiado, latiu:

— Vai, mas... duvido que tu voltes...

O sol adormecera. Já a passarada se aconchegava nas ramarias das árvores. A brisa, escondido o Astro-Rei, era fria e agreste.

— *Brr...*, que frio... — tremelicava o insensato — Agora para que lado é que eu vou caçar?

Era já a indecisão a apossar-se dele. Esperou longamente, horas e horas à espera nem ele sabia de quê. Algumas ovelhas desgarradas passavam junto dele, mas ele receava atacá-las.

Outras vezes, a caça quase se ia meter na boca do lobo, mas uma timidez, proveniente da falta de exercício, tolhia-lhe as iniciativas.

Os pássaros cantavam na ramaria das árvores, e cortavam o ar em altos voos. E, iludido, deixando a caça passar junto dele sem a ver, o lobo procurava apanhar aquilo que nunca mais lhe cairia nas garras.

As horas passavam.

O sol já ia alto, dardejando a pino, aquecendo a terra. E nada!

Nisto, um veado passou perto de Jak. E o nosso herói, aprumado, sorriu-se, pensando já nos louros da vitória. Não pensou que o veado era mais forte do que ele e, com uma patada, o faria em bocados. Pôs-se a latir:

— Hum, hum... Bela caça temos!

E correu para o veado. Este, que ouvira o desabafo do lobo, sorriu-se e disse-lhe, altivo:

— Onde vês caça?

Jak tremia como varas verdes. Estava metido em sarilhos tremendos. Contudo, disse, orgulhoso:

— Referia-me a ti.

— Então — riu o veado — mata-me, se podes...

Juntavam-se agora mais bichos. As aves seguiam, interessadas, o diálogo. E ficaram estupefactas quando o lobozito se atirou em fúria, ao dorso do veado.

A luta durou poucos instantes. O ruminante precipitou-o no solo com violência e o nosso herói, aos tombos, caiu para uma ribanceira, ao fundo da qual um riacho sussurava brandamente.

Meditando no insucesso da sua luta e ouvindo o veado afastar-se, Jak, dorido, ensanguentado, começou a pensar.

— Que fazer?

Se regressasse à alcateia, onde era tomado como um elemento pernicioso, teria de sujeitar-se à disciplina e à lei. Iria sujeitar-se às censuras e troças dos seus companheiros.

Decidiu ficar na floresta. Não calculava, o isensato, que a lobo velho, embora o repreendesse e advertisse, lhe perdoaria contudo o seu procedimento. Porque o chefe, certamente, era o primeiro a aconselhá-lo para ele entrar no bom caminho.

Mas como viver ali?

Não sabia caçar, por não ter esperteza, agilidade e manha. Os seus irmãos, em qualquer caso, poderiam abandonar o covil.

Mas ele?

Reflectiu. E regressou, ferido, ensanguentado, mas, felizmente, curado daquele seu feitio orgulhoso e intrigante.

E Akelá — o velho lobo — no Fogo do Conselho, perdoou-lhe tudo, enquanto para o céu se elevavam, entre a floresta, as chamas tão rubras e tão lindas...

1936

M. FERREIRA

LUGAR PARA OS JOVENS

(Do boletim religioso «O DESPERTAR», com a devida vénia)

A confrontação das gerações, com aspectos diversos conforme as épocas e os lugares, é muito antiga. Que os mais velhos se recordem do tempo da sua juventude... Trata-se de um fenómeno permanente em que todos estamos envolvidos, com a particularidade curiosa de quase todos mudarmos de trincheira a certa altura.

Os jovens sentem dificuldade em compreender os mais velhos, pelos quais distribuem abundantemente etiquetas como «conservadores», «botas-de-elástico», «reaccionários», «monopolizadores da razão», etc. Aliás, este comportamento fomentam-no muitas das suas próprias «vítimas». Quem são os responsáveis por uma publicidade comercial estupidificante que lisonjeia demagògicamente a juventude com a isca mágica do termo «jovem» escrito, falado, gritado e cantado a propósito e a despropósito? Quem são os responsáveis por uma organização social desumanizante que, obcecada pela eficiência lucrativa, parece considerar como ferro-velho os maiores de 35 anos?

Por seu lado, os mais velhos acusam os jovens de libertarismo, rebeldia, irreverência, imaturidade, subversão dos valores tradicionais, etc.

É fàcilmente compreensível esta confrontação, da qual se têm ocupado sociólogos, psicólogos, pastores e educadores. Em geral, os adultos, já instalados na vida, vão perdendo a elasticidade de espírito e a facilidade de adaptação às rápidas mutações culturais e sociais que os obrigam a rever os seus hábitos. Preferem normalmente um «statu quo» tranquilo e são tentados a refugiar-se no saudosismo dos «bons tempos que já lá vão» e a condenar indiscriminadamente como mau o que pode ser apenas diferente.

Ao contrário, os jovens têm a vida à sua frente. Ainda sem compromissos estáveis, cheios de força, de imaginação e até de profundo idealismo, recusam submeter-se a costumes, instituições e modos de expressão que consideram anacrónicos, e não raro assumem uma atitude impiedosamente crítica em relação às mazelas da sociedade estabelecida, reclamando reformas imediatas em que eles participem activamente.

Seria ingenuidade ou demagogia dar sempre e em tudo razão aos jovens. Mas pecariam por fariseísmo os mais velhos, se se considerassem infalíveis. É indiscutivelmente grande o valor da experiência dos adultos, mas temos de evitar invocá-las para disfarçar uma inércia comodista.

Estabelecer entre os «novos» e os «velhos» um diálogo e uma cooperação sem preconceitos nem desconfianças recíprocas, partindo do princípio de que cada uma das partes tem alguma coisa a aprender da outra, representa uma tarefa a que não podemos furtar-nos pelo facto de ser difícil.

Dr. FERREIRA MARQUES



NO ANO ESCOTISTA EUROPEU DA AMIZADE

Os escoteiros europeus preparam as suas actividades

Inquéritos, reuniões e outras formas de informação de que dispõe a Secretaria Mundial dão a conhecer o grande desejo que a juventude tem de se encontrar com outros jovens, quer no seu próprio país, quer no estrangeiro, a fim de trocarem ideias, se conhecerem melhor e, em conjunto, realizarem algo de concreto.

O Ano Europeu da Amizade que as associações escotistas decidiram levar a efeito, deverá ser assinalado por um grande número de actividades, grande parte das quais organizadas juntamente com as guias.

Algumas associações já anunciaram algumas iniciativas: os três acampamentos previstos para quando da realização dos Jogos Olímpicos, em Munique, a excursão de canoagem, na Suécia e as actividades estivais no chalé escotista alpino de Kandersteg.

Em grande parte destas actividades está previsto o alojamento e os serviços em comum, assim como, dentro do possível, a participação de elementos não escoteiros.

Há a assinalar a publicidade que está sendo feita pelos jornais escotistas e pela publicação de um folheto francês-alemão na Suíça e a gravação de canções de acampamento que acompanha o convite da Noruega.

Aqueles que desejarem tomar parte nestas actividades, devem dirigir-se às suas associações.

A Secretaria Mundial fornece o programa destas actividades.

A electricidade é só para os que a conhecem

Nem todos os que trabalham com electricidade têm que ser necessàriamente electricistas, mas há que ter conhecimentos básicos para fazer até as mais simples reparações e saber como agir em certas circunstâncias.

A primeira coisa a recordar é que não é a quantidade de electricidade que origina a diferença entre a vida e a morte, mas sim a corrente que passa através das partes vitais do corpo. A única diferença entre a baixa e a alta tensão é que, quanto mais alto for a voltagem, maiores são as possibilidades de ser electrocutado. Mas, mesmo 50 vóltios podem matar, se todas as condições forem propícias a isso. Enquanto, por exemplo, ao tocar num cabo de 110 vóltios se tiver mãos secas e limpas, fora de contactos com metal, e colocado sobre uma base isolante, apenas sentirá um ligeiro choque, o mesmo não se passa no caso inverso. Se estiver a suar e parado sobre uma superfície de metal ligado à terra, a sua resistência será tão baixa que através do corpo passará corrente suficiente para fazer perder o conhecimento. Poderá, inclusive, morrer, se não for aplicada imediatamente a respiração artificial.

Quanto mais ràpidamente se interromper a corrente, maiores são as possibilidades de sobrevivência das vítimas. Assim, a primeira coisa a fazer é cortar a corrente ou libertar a vítima, mas de maneira a não ser também atingido pela corrente.

Tenha, no entanto, sempre a preocupação de nunca fazer qualquer trabalho eléctrico de que não tenha sido encarregado.

A electricidade é, por vezes, um passatempo mortal! — C. P. S.

DOS AMIGOS DE «SEMPRE PRONTO»

Doentes

Encontra-se doente o nosso antigo e dedicado assinante sr. Armando Jaime Soares, escoteiro-chefe adjunto do 2.º Grupo, bem como sua esposa, pelo que lhes apresentamos votos de boas melhoras.

Estes amigos tiveram a amabilidade de nos agradecer a referência feita ao acto da entrega das medalhas com que foram distinguidos.

Oferta de um calendário

O nosso estimado amigo e antigo escoteiro sr. Sebastião G. Silva, radicado nos Estados Unidos, enviou-nos um interessante calendário escoteiro, que muito agradecemos.

Nascimento

O lar da sr.ª D. Maria Beatriz da Encarnação Amêndoa e do nosso estimado assinante sr. António da Encarnação Amêndoa, antigo escoteiro do Grupo 94, foi enriquecido com a «chegada» da Sara Alexandra Teixeira Amêndoa, em 3 de Janeiro, p. p.

Felicidades para a nova «fadinha» e um parabém muito sincero aos seus orgulhosos pais.

«SEMPRE PRONTO»

ADMINISTRAÇÃO

O nosso camarada Capitolino Ferreira Macedo, que desde o primeiro número de «Sempre Pronto» desempenha com toda a dedicação o lugar de Administrador, acaba de pedir a sua demissão, por reconhecer que não tem possibilidade, por falta de tempo, de assegurar a continuidade do serviço com aquela regularidade que é absolutamente necessária.

Não é demais encarecer os relevantes serviços que Capitolino Macedo, com elevado espírito escoteiro, zelosamente prestou na Administração deste jornal, onde quase sempre sòzinho assegurou a boa execução do trabalho, permitindo que «S. P.» vencesse todas as dificuldades que se levantaram. Por tudo lhe estamos muito gratos.

No entanto, o nosso companheiro não abandona esta obra, tendo-se oferecido para continuar a assegurar a expedição do jornal, tarefa que não é das mais fáceis, continuando, portanto, a dispensar uma colaboração a todos os títulos valiosa.

Os serviços de administração continuam a dispor da colaboração dos nossos camaradas Ernesto Clímaco do Nascimento e Luís Garcia, passando o cargo de Administrador a ser desempenhado interinamente pelo nosso Director, a quem caberá apenas coordenar o valioso trabalho dos outros dois membros da equipa. Esperamos que esta reorganização de serviços permitirá assegurar a boa ordem da Administração, para o que esperamos a cooperação dos nossos dedicados assinantes.

Acampamento para aprendizagem da língua inglesa

Como vem sendo já tradicional, novamente se realiza este ano em Cambridge, Inglaterra, um acampamento para escoteiros e guias (raparigas) e 15 a 18 anos de idade, com a finalidade de proporcionar um curso de língua inglesa dirigido por professores da Universidade.

O acampamento efectua-se de 2 a 16 de Agosto, devendo os participantes levar o seu material de campo. No caso de participantes individuais, talvez seja possível fornecer o material.

Antes do acampamento, haverá hospitalidade em casa de escoteiros por alguns dias, desde que os pedidos sejam feitos até 1 de Junho.

O custo do acampamento é de £ 25, cerca de 1800$00, inclui alimentação, assistência a espectáculos e o curso. Uma interessante oportunidade para todos os Escoteiros.

Os interessados deverão dirigir-se aos Serviços Centrais das associações escoteiras portuguesas.

Continuação da pág. 1

A FRATERNAL DOS ANTIGOS

Já no avião, ambiente de grande acontecimento ainda que se pudesse observar um ou outro sorriso amarelo. Passado o efeito da forte impressão da descolagem, a natural curiosidade da maravilhosa vista aérea de Lisboa. A forte nebulosidade, porém, desilude os curiosos, nada mais lhes permitindo ver do que um espesso manto de nuvens.

Duas horas e meia de uma viagem que decorreu em ambiente de alegria e boa disposição e eis-nos a chegar ao aeroporto de Gatwick, o segundo em importância ao serviço da cidade de Londres, ainda que consideràvelmente distanciado desta.

Respira-se a alegria da concretização de um sonho desejado, enquanto trocamos saudações com os quatro antigos escoteiros ingleses que nos aguardavam, em representação dos companheiros da «Fellowship».

Instalados em excelentes autocarros, percorremos o longo trajecto que liga o aeroporto à grande cidade, quase uma centena de quilómetros ao longo do condado de Surrey, cruzando pequenas cidades, tipicamente inglesas na sua arquitectura tradicional.

A chegada ao hotel

A chegada ao hotel foi um momento de grande animação. Trata-se de um moderno estabelecimento com 425 quartos e apartamentos, belamente mobilados e alcatifados, com rádio, telefone, televisão e casa de banho.

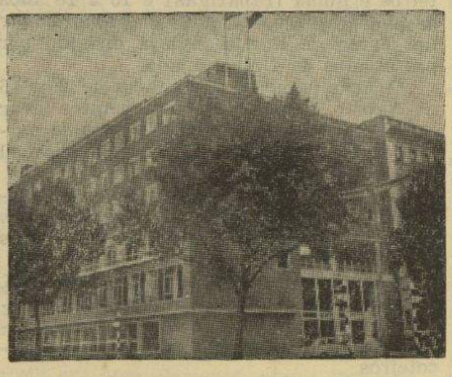
O edifício foi construído sobre uma grande placa de betão, colocada por cima da linha do metropolitano, na Cromwell Road, quase em frente da estação do terminal aéreo da BEA.

O hotel dispõe de restaurante, *bar* e cafetaria luxuosamente equipados, cabeleireiro, infantário, médico, parque de estacionamento de viaturas e serviço de secretaria, com passagem de fotocópias e aluguel de máquinas de escrever. Tem ainda uma loja para venda de revistas, jornais, livros e quinquilharias, bem como uma agência de viagens.

Foi aqui neste hotel que, logo à nossa chegada, tivemos o grande prazer de abraçar o companheiro Daniel Correia e sua esposa, a sr.ª Dr.ª D. Aida Correia, há alguns anos radicados em Londres, que nos deram a alegria de acompanhar a nossa delegação, servindo de excelentes e amáveis cicerones.

Visita à casa de Baden-Powell

Do programa da embaixada portuguesa fazia parte, como ponto obrigatório e dos mais importantes, a visita à Casa de Baden-Powell. Trata-se, como muitos dos nossos leitores conhecem e como «Sempre Pronto» já teve oportunidade de descrever de um moderno edifício, convenientemente equipado para acolher e hospedar os escoteiros que visitam Londres, possuindo igualmente instalações para reuniões de convívio dos escoteiros locais ou, ainda, para conferências internacionais.



A casa de Baden-Powell, em Londres, que os antigos escoteiros visitaram e onde almoçaram no sábado, dia 4. Junto à escadaria, vê-se a estátua de B.-P.

O acolhimento aos antigos escoteiros portugueses foi afectuoso e mostrou bem o sentimento fraternal que une os escoteiros de todo o mundo.

Um numeroso grupo de lobitos fez-nos a guarda de honra à entrada da acolhedora mansão, onde nos aguardavam também alguns dos amáveis antigos escoteiros de Londres que simpàticamente nos acompanharam em diversas visitas durante esta curta mas memorável estadia.

As boas-vindas foram dadas pelo Chefe Robert Baker, actualmente ali a prestar serviço, que acompanhou os visitantes numa circunstanciada visita às diversas dependências do edifício, explicando pormenorizadamente o seu significado e relação escotista, fornecendo igualmente elementos estatísticos e de custo ligados com a construção do grande imóvel.

Os antigos escoteiros portugueses percorreram agradados as modelares instalações, atentos às explicações do chefe Baker, traduzidas, para aqueles que não entendiam o inglês pelo Dr. Eugénio Ramos e pela sr.ª D. Aida Correia sempre amável companheira e erudita guia, que valorizou largamente a visita do grupo português.

Após a visita, os portugueses confraternizaram com os seus anfitriões, almoçando alegremente no restaurante «*self-service*» da Casa B.-P., ainda que obrigados a fazê-lo em dois grupos diferentes já que a centena de visitantes excedia a capacidade normal do restaurante.

Foi esta uma excelente oportunidade para muitos de nós conhecermos o monumento prático e útil que os escoteiros londrinos entenderam erguer em memória do Fundador, prestando assinável serviço aos escoteiros estrangeiros que viajam pela pátria de Baden-Powell.

No Parlamento Britânico

Realçando o interesse dedicado à embaixada portuguesa pelos companheiros ingleses, foi conseguida uma visita ao célebre Palácio de Westminster, onde funciona o Parlamento Britânico.

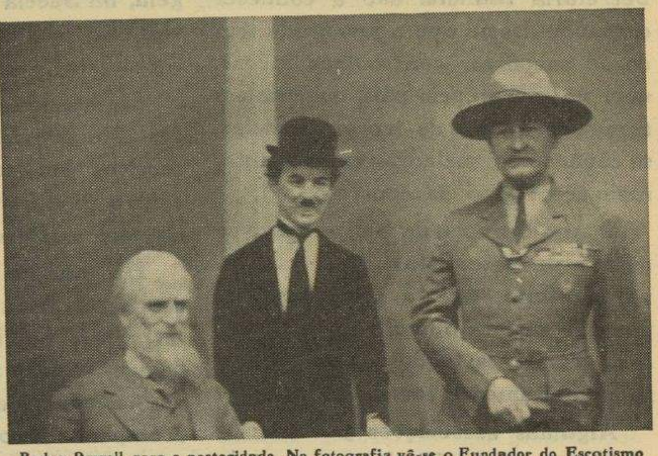
O sr. Harry Hyud, presidente do Comité de ligação das duas associações de antigos escoteiros e guias existentes em Inglaterra, constituiu-se o interessado guia, fazendo-o com simpatia e interesse, proporcionando-nos excelente lição acerca do histórico monumento e dos magníficos valores que encerra, prestando-nos ainda valiosos esclarecimentos de todos os pormenores históricos, políticos e técnicos do funcionamento das duas Câmaras, a Câmara dos Lordes e a Câmara dos Comuns.

As magníficas explicações do sr. Hyud, sempre traduzidas para português pela excelente e incansável intérprete sr.ª D.ª Aida Correia, prenderam a atenção dos visitantes, surpreendidos pela extensão dos seus conhecimentos, sempre transmitidos através de um agradável sentido de humor.

A senhora Hyud, confidenciava-nos, entretanto, que seu marido fora durante quase vinte anos membro assessor do Parlamento, dedicando ao seu trabalho verdadeiro entusiasmo, que ainda hoje o contagia quando visita aquela Casa ou fala dela a alguém.

Homenagem a Baden-Powell

Os escoteiros portugueses de visita a Londres jamais deixariam de prestar a sua homenagem à memória do Fundador do Escotismo, a qual se realizou na Abadia de Westminster, onde B.-P. tem o seu lugar de consagração como herói nacional, numa singela placa de mármore, onde apenas foi gravada a seguinte inscrição:



Baden-Powell para a posteridade. Na fotografia vê-se o Fundador do Escotismo ao lado de duas famosas personalidades britânicas: Charles Chaplin, o popular Charlot (ao centro), e o grande escritor Benard Shaw. Três personagens existentes no Museu de Figuras de Cera de Madame Tussaud, de Londres.

(Fot. do nosso correspondente Mannel Rodrigues)

LORD ROBERT S.S. BADEN POWELL
CHIEF SCOUT OF THE WORLD
1857-1941

Como se sabe, B.-P. está sepultado em Niery, no Quénia, local onde passou os últimos anos.

Depois de uma visita à vetusta abadia, a delegação portuguesa, acompanhada de elementos das fraternais inglesas, principalmente as senhoras que connosco bastante privaram, seguindo o jovem escoteiro José Vítor dos Reis, que empunhava a bandeira da «Fraternal» e era ladeado pelo presidente desta, sr. Dr. Eugénio Ramos, que transportava um artístico trabalho manual, feito em espia e representando o emblema dos Antigos Escoteiros, execução primorosa do companheiro Domingos de Sousa, dirigiu-se para o local onde se encontra a já referida placa evocativa de Lorde Baden-Powell. Ali o dr. Eugénio Ramos proferiu uma brilhante alocução em que salientou o vulto extraordinário de B.-P., o genial fundador do Escotismo e o significado da homenagem promovida pelos antigos escoteiros portugueses.

O trabalho de Domingos de Sousa foi depois colocado junto da lápide, tendo sido mais tarde recolhido e levado para a sede das fraternais britânicas.

Foram a seguir distinguidos com várias lembranças portuguesas os antigos escoteiros e guias que mais trabalharam na recepção à embaixada portuguesa. Foi igualmente entregue uma lembrança para ser enviada a *Lady* Baden-Powell.

Com um minuto de respeitoso silêncio, guardado por todos os presentes em me-

ESCOTEIROS DE PORTUGAL EM LONDRES

mória de Baden-Powell, a que se seguiu o hino da A. E. P. entoado pelos portugueses, terminou a singela cerimónia.

Em Gilwell Park

No domingo, à tarde, aproximadamente 25 elementos da nossa caravana, visitaram Gilwell Park, que dista de Londres cerca de 45 km, para o que aceitaram o gentil convite dos escoteiros ingleses, os quais puseram à disposição dos visitantes os veículos necessários para a sua deslocação.

A Fraternal britânica tem em Gilwell as suas instalações privativas, numa casa de madeira que ali foi montada depois de ter servido, durante a última guerra, numa rua de Londres, como sucursal do Barclay's Bank que mais tarde a ofereceu aos antigos escoteiros britânicos. Esta casa, bastante ampla, dispõe de sala de estar, casa de jantar e cozinha, dormitórios e outras instalações.

O tempo estava frio e os campos de Gilwell viam-se cobertos de neve. Aguardava-nos o administrador do parque, bem como sua esposa e outros antigos escoteiros. Enregelados pelo tempo agreste que fazia, é difícil descrever quanto nos confortou o chá e bolos com que os nossos hóspedes nos obsequiaram na sala de estar, agradàvelmente ou, melhor, maravilhosamente aquecida.



O Dr. Eugénio Ramos mostra a artística placa com a insígnia da Fraternal belo trabalho do nosso companheiro Domingos de Sousa, que foi oferecida aos escoteiros britânicos.

(Fot. de Álvaro Correia)

O administrador descreveu em seguida aquelas instalações, chamando a nossa atenção para uma curiosidade: o facto de a lareira daquela dependência ter sido construída com pedras provenientes de várias catedrais inglesas, destruídas durante a Guerra Mundial. Após estas considerações, tivemos ensejo de oferecer ao administrador uma placa comemorativa da nossa visita, bem como um cacto que levàramos do Parque do Escotismo da Caparica. Junto à lareira, colocámos um artístico emblema da nossa Fraternal, executado pelo companheiro Viegas Custódio.

Seguiu-se uma visita ao famoso parque escotista, bastante prejudicada pela chuva e pela neve, durante a qual nos foram fornecidos completíssimos esclarecimentos acerca das diversas instalações.

Uma coisa feriu a nossa atenção: no Gilwell Park existem templos para a efetivação de serviços religiosos das diversas confissões: católica, evangélica, budista e até uma sinagoga.

A aproximação da noite impediu que a nossa visita fosse mais prolongada. À despedida, fizemos votos de um dia receber os nossos amáveis anfitriões no Parque de Escotismo da Caparica.

TELEPHONE: 01-977 2100
STATION: HAMPTON COURT

HAMPTON COURT PALACE
EAST MOLESEY.
SURREY.

7th March, 1972.

Dear Mr. Karl,

I have just received from Miss Jackson, the beautiful little plaque which you and your members were kind enough to send to me. I hasten to send my thanks to all of you.

I was indeed sorry I was not able to meet you at Westminster Abbey. I do hope you enjoyed your visit to England in spite of the weather!

I have many happy memories of Portugal and I send my greetings to all members of the IFFSG in your lovely country.

Yours sincerely
Olave Baden-Powell

Fac-símile de uma carta de *Lady* Baden-Powell dirigida ao nosso companheiro Wolfgang Karl, a propósito da visita dos antigos escoteiros portugueses a Londres. Diz a Chefe Mundial das Guias:

7 de Março de 1972

Caro Sr. Karl:

Acabei de receber por intermédio de Miss *Jackson, a linda placa que você e os companheiros tiveram a amabilidade de me oferecer. Apresso-me a enviar os meus agradecimentos para todos.*

Sem dúvida que tive muita pena de não ter podido reunir-me convosco na Abadia de Westminster. Espero que tenham gostado da visita a Inglaterra a despeito do tempo!

Tenho muitas e felizes recordações de Portugal e envio as minhas saudações para todos os membros da Fraternal desse encantador país.

Sinceramente
a) *Olave Baden-Powell*

O impresso desta carta dá, como domicílio de *Lady* Baden-Powell, o palácio de Hampton Court, que os antigos escoteiros portugueses agora visitaram e onde tiveram ensejo de ver, por lhes ter sido apontada, a residência da Chefe Mundial das Guias.

Valeu a pena

A par das cerimónias que descrevemos em pormenor, por encerrarem grande interesse escotista, os viajantes, puderam ainda passear pela cidade de Londres, visitando alguns dos seus magníficos monumentos e locais característicos, dedicando as senhoras especial atenção à zona comercial, onde todo o tempo da estadia não seria suficiente para conhecer em pormenor os grandes armazéns onde se pode comprar de tudo.

As excursões

Alguns dos viajantes aproveitaram com evidente interesse as excursões organizadas, podendo conhecer pormenorizadamente a grande cidade.

Já nos arredores de Londres, visitámos também o famoso palácio de Hampton Court, magnífico monumento mandado construir pelo cardeal Wolsey, primeiro-ministro de Henrique VIII.

Este palácio, que evoca algumas das mais dramáticas páginas da história da Inglaterra, foi originàriamente construído no estilo Tudor, de que subsiste apenas uma parte, visto que um importante sector das edificações foi demolido, mais tarde, no reinado de Maria Stuart e de Guilherme III, para dar lugar à parte barroca que ali se admira, dentro de um plano que previa a total eliminação do edifício original, plano que felizmente não chegou a ser concluído.

O palácio possui magníficas salas e uma importante colecção de armas e é célebre pelos soberbos painéis do pintor italiano António Verrio. Nele viveram, além de Henrique VIII, algumas das suas infelizes mulheres: Ana Bolena, de quem o nome ficou ligado à monumental portaria do palácio, e Catarina Howard, cujo espírito a lenda diz que aparece à meia-noite junto da Capela Real, protestando a sua inocência quanto às culpas que lhe foram assacadas e a levaram ao cadafalso. Também aqui viveu a Rainha Catarina de Bragança, mulher do rei Carlos II, filha do nosso rei D. João IV.

Os jardins, magníficos, pretendem ser uma réplica dos de Versalhes.

Durante a nossa visita, a simpática guia brasileira que dirigiu esta excursão teve oportunidade de nos apontar a residência de *Lady* Baden-Powell, pois nesta grandiosa propriedade existem edifícios que os soberanos facultam às viúvas e órfãos de individualidades que tenham prestado relevantes serviços à Coroa.

Outra visita de muito interesse, embora tenha decorrido muito ligeiramente, foi a efectuada ao Castelo de Windsor, o maior da Inglaterra, residência dos monarcas ingleses desde os tempos de Guilherme, o *Conquistador*.

Aos visitantes foi dado percorrer o vasto recinto e admirar as suas torres e muralhas, bem como os alojamentos dos cavaleiros reais e a bela Capela de S. Jorge, na qual anualmente são realizados os grandes cerimoniais da Ordem da Jarreteira e onde repousam os restos mortais de muitos dos monarcas britânicos. É também aqui que os Escoteiros da Rainha, equivalente aos nossos Escoteiros da Pátria, recebem no dia 23 de Abril as suas insígnias, realizando-se depois um desfile em que só participam escoteiros daquela classe.

Das suas muralhas, avista-se ao longe o belo edifício do Eton College, a mais famosa escola da Inglaterra.

O jantar num restaurante típico

Na noite do domingo, o jantar foi servido num dos típicos restaurantes Flanagan que existem na capital londrina. Tra-

Continua na pág. 11



Grã-Bretanha

Sete condados de Londres fretaram o navio-escola *Nevasa* para um cruzeiro de uma semana, no qual tomaram parte 1090 escoteiros e chefes. No mar, numerosas actividades foram realizadas simultâneamente nas sete pontes do navio e, nas escalas nos portos escandinavos, escoteiros do país juntaram-se às actividades dos viajantes e franquearam-lhes suas casas.

★ Seis lobitos de uma alcateia de Reepham (Norfolk) contribuíram com 100 libras para um fundo recentemente criado, graças a uma original prova de resistência.

Em vez das tradicionais provas de marcha ou de maratonas, os lobitos conseguiram guardar absoluto silêncio durante três horas!

★ Dentro do programa do *Scout Job Week 1972*, a operação «engraxar sapatos» só foi possível graças à colaboração da associação dos escoteiros e da sociedade Reckitt & Colman: os escoteiros e os lobitos vão dar seu trabalho e aquela sociedade fornecerá 250 000 latas de pomada.

Os dirigentes escotistas anunciaram o número de escoteiros interessados nesta campanha, que renderá um mínimo de 5 *pence* (3$50) por par de sapatos engraxado. Em troca, receberão gratuitamente latas de pomada e um cartão de instruções por cada equipa de dois membros.

A sociedade também se encarregou da propaganda desta campanha.

Grécia

Os membros dos 2.º e 3.º grupos do distrito de Vyron, em Atenas, foram os primeiros a explorar uma gruta em Skepastokala Vryta, no sul da Grécia. Foram precisas 10 horas para encontrar e descer a três plataformas a uma profundidade de 72 metros. Descobriram uma «sala» de 11 metros de altura, eriçada de estalactites e estalagmites de cor, assim como de um pequeno lago. Com a ajuda do seu chefe, um espeleólogo profissional, fizeram um plano da gruta e recolheram alguns espécimes de vida orgânica subterrânea. Permaneceram debaixo da terra cerca de 14 horas, numa atmosfera acusando 98 % de humidade.

Salvador

«Lions Clubs» e outros clubes de serviço prometeram secundar eficazmente a Associação Escoteira numa campanha que tem em vista aumentar os seus efectivos para 15 000 membros até ao fim de 1972. A associação tinha 3875 membros em 1968, tendo alcançado em 1970 o número de 6216 membros.

Estados Unidos

Os relatórios do «Keep America Beautiful Day» «Dia do embelezamento da América» ou «Conserve a América Bonita» dão a conhecer que dois milhões de escoteiros limparam 320 000 km. de estradas e rios e 160 000 hectares de parques, terrenos de jogos e outros locais públicos. Mais de um milhão de toneladas de detritos (indo desde os papéis de embalagem às viaturas abandonadas) recolhidas... eram suficientes para encher 200 000 mil camiões.

Zâmbia

Num mês, 660 escoteiros e chefes construíram 27 km de uma estrada de primeira necessidade na região do Chef Mwase da província oriental. Esta estrada permitiu à população o acesso à estrada nacional. O apoio do governo a este projecto traduziu-se, entre outros, no fornecimento de tendas durante toda a construção. — *Newsletter Bulletin.*

Dinamarca

Uma alcateia de lobitos acaba de adoptar uma família de lobos do jardim zoológico de Copenhaga.

Os lobitos, ao mesmo tempo que sustentam financeiramente a família de lobos, ajudam também o jardim e alcançaram o privilégio de pôr o nome aos lobitos recém-nascidos.

Escócia

O grupo 23 de *Venture Scout* de Edimburgo, ao cabo de dez meses de planificação e de angariação de fundos e de oito semanas a trabalhar no duro, conseguiu transformar um autocarro de dois pisos, com 18 anos de circulação, numa «caravana» que pode albergar 20 pessoas.

As instalações constam de uma casa de jantar com mesas, lava-loiças com águas quentes e frias, cinco fogões de gás, armários e dormitório com 14 camas.

No «2.º andar» encontra-se o «posto de navegação» com telefone ligado ao motorista e um terraço com cadeiras.

Uma reportagem dá a conhecer que a primeira viagem — 6400 km através da França, Suíça e Alemanha — obteve êxito completo. Um único problema: as pontes com altura reduzida...

África do Sul

A inundação causada este ano pelo rio Gatmoos, deu origem a prejuízos consideráveis e a mais de 200 mortos.

Em face desta tragédia, os lobitos de Port Elizabeth decidiram entrar em acção. No dia seguinte, eles recolhiam, num camião de três toneladas, vestuário, cobertores e utensílios de cozinha para distribuírem pelos sinistrados.

Zaire

A associação escotista acaba de mudar de nome, o qual passa a ser de Associação dos Escoteiros do Zaire, adaptando-se assim ao novo nome da antiga República Democrática do Congo (Kinshasa).

FILATELIA

Série comemorativa do LX aniversário do Escotismo em Hong-Kong

Os Correios de Hong-Kong vão pôr a circular uma série comemorativa do 60.º aniversário do escotismo nesta colónia britânica.

Esta série, que sairá em Julho, compõe-se de três valores: HK $.20 HK $.50 e HK $.2.

A série completa é vendida a 0,60 dólares norte-americanos, devendo os pedidos ser endereçados a Vincent Chang, *The Scout Association*, Garden Road Offices, Hong-Kong.



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

O alcoolismo

O álcool é um dos piores venenos da humanidade; é a ele que se devem as maiores perturbações dos órgãos da economia humana e as mais extraordinárias perversões da sua espiritualidade.

As bebidas alcoólicas são o produto da fermentação de certos vegetais, e o álcool pode estar incluído nelas em proporções que variam entre 6 e 60 %.

As bebidas mais ricas em álcool são, muitas vezes, duplamente tóxicas, não só pelo álcool que contêm, mas também por outros venenos, como sejam substâncias amargas ou aromáticas e extractos de plantas.

Há a crença, entre os que estão sujeitos a trabalhos pesados, que o álcool dá força, mas é um puro engano, pois se por instantes dá alguma força, passado pouco tempo produz ainda maior adinamia, isto é, esgotamento físico. Igualmente os intelectuais se servem do vinho para lhes estimular as faculdades mentais, mas, passado algum tempo, em vez de estímulo têm depressão e entorpecimento mental. Sucede o mesmo com todas as substâncias que tenham acção depressora sobre o sistema nervoso; numa primeira fase excitam-se, mas numa segunda deprimem-no.

O álcool produz no organismo humano duas formas de intoxicação: a aguda ou *etilismo agudo* e a crónica ou *etilismo crónico*.

Diz-se *etilismo* porque o produto que vulgarmente é conhecido com o nome de álcool, quìmicamente não é mais do que o álcool etílico, visto que há outros alcoóis.

O álcool pode desenvolver a tara criminosa e assim ter uma acção social bastante funesta, levando ao suicídio ou ao assassínio.

A acção do álcool nas crianças é extraordinàriamente nociva, e são muito sensíveis ao tóxico.

Produz atrasos do desenvolvimento físico e mental, associados a debilitamentos orgânicos, principalmente pela falta alimentar quer quantitativa quer qualitativa e também porque a perda de apetite é considerável, em virtude dos estragos causados nos órgãos digestivos e suas glândulas anexas.

Não é só um crime dar-se bebidas alcoólicas às crianças, como também, se as não dermos, praticaremos a profilaxia do alcoolismo, pois a maior parte das vezes o grande bebedor adulto já o era em criança.

Dr. Ayres Serrano e Silva

PUBLICAÇÕES ESCOTEIRAS

Boletin Circular — Espanha

O «Consejo Scout Nacional», dos Exploradores de Espanha, publica mensalmente o seu boletim circular com directrizes e notícias do Movimento, tanto nacionais como do estrangeiro. Trata-se de uma publicação copiografada, mas de muito interesse. Este ano, o boletim apresenta-se com um aspecto gráfico mais interessante, com capas e cabeçalho impressos a cores. Felicitamos os nossos camaradas de Espanha.

PÁGINA DO ESCOTEIRO



PARA TI, IRMÃO ESCOTEIRO

Saúda a Primavera



Apesar do tempo se encontrar ainda com chuviscos e o frio dominar um pouco as manhãs e os poentes, a Primavera, radiosa, brilhante e gentil, fechou o Inverno num quarto escuro e desatou a plantar verdes ervas, trevos tenros, azedas com suas florinhas amarelas, a encher a atmosfera de um perfume delicado e refrescante, convidando-te, amigo escoteiro, a saltar da cama às 6 horas da manhã para penetrares no seu reino, que é o campo evidentemente.

Tu, irmão do Norte, tens a bela mata do Covelo, onde Alexandre Herculano lutou pela liberdade; tu, irmão do Sul, penetra na mata de Monte Gordo, caça um camaleão, esse engraçado lagartuxo papa-moscas, que mais parece um monstro pré-histórico à escala de 1/100 (isto é, 100 vezes mais pequeno); e tu, irmão de Lisboa, caminha para o Monsanto e conquista a «Cova do Ladrão» (sei que os escoteiros do grupo n.º 8 são bons alpinistas), e vocês dos Açores, de Angola e Moçambique não desperdicem os vossos tão lindos locais para actividades que me fazem grande inveja.

Saúda a Primavera, irmão escoteiro, porque ela é a renovação da vida, é o novo sangue da Natureza, é o despertar das energias que em nós existem.

A Primavera convida-te a penetrar e a estudar na Natureza.

Prepara-te, pois! Só ganharás conhecimento, instruindo-te.

Não vás para o campo apenas com o farnel, mas leva contigo ideias, estudo, trabalho, treino. Só assim poderás ser acolhido por esta bela estação.

Um abraço do Irmão Escoteiro.

ESCUTA: GUIA DE PATRULHA!

Ó Conselho de Guias



A actividade da Tribo é toda regulada pelo Conselho de Guias. Neste conselho, que se realiza normalmente no fim de cada reunião geral ou quando os guias acharem necessário, só devem tomar parte os guias de patrulha, e na falta destes, os subguias.

A reunião do conselho de guias, que como se disse, deve ser semanal, não dura mais de trinta minutos e nela devem ser discutidos e apurados todos os assuntos respeitantes à vida da Tribo.

O chefe da Tribo não deve presidir ao conselho, mas se tal acontecer, só deverá ter voto consultivo. Mal vão as patrulhas quando o chefe de Tribo põe e dispõe sem os guias nada dizerem.

Para não nos tornarmos extensos, aconselhamos-te a leitura do capítulo 6.º do «Sistema de Patrulhas», de Rolland Philips, onde poderás ver quais as atribuições que respeitam aos guias de patrulha.

Uma parte da reunião de guias é dedicada, pelo chefe, à instrução dos guias numa ou outra matéria escotista ainda não estudada ou mal sabida e também para fornecer os tópicos do que se vai fazer na próxima reunião com as patrulhas.

Eis um exemplo:

— Instrução sobre os primeiros ciclos do alfabeto morse.

— Indicações para trabalhos da próxima reunião de patrulhas:

Topografia; Pistas; Sinalagem.

Claro que o chefe prudente rodeia de segredo, para não quebrar o entusiasmo, o que tenciona fazer na reunião de patrulhas.

E se dá ligeiras indicações é apenas para os guias instruírem os seus escoteiros nas reuniões de patrulha e, assim, irem todos preparados para a reunião geral.

A. I.

UMA PÁGINA AO TEU DISPOR

Gostas de escrever! Tens então oportunidade de expor as tuas ideias nesta página.

Notícias da tua patrulha? Serão sempre benvindas e não as atrases porque quanto mais fresquinhas melhor.

Gostas de coleccionar, pois então recorta e guarda esta página no teu caderno de escoteiro porque terás ensinamentos excelentes que podes pôr em prática tanto na sede como no campo.

E não esqueças: esta é a tua página.

Colabora

Divulga

Assina o Sempre Pronto

No próximo número:

José Vítor Reis, o escoteiro que acompanhou a Fraternal a Londres, dá a suas opiniões sobre esta sensacional viagem.

PIONEIRISMO

O pioneirismo é matéria importante praticada no escotismo, pois desenvolve o engenho humano, dadas as suas múltiplas facetas.

Não basta no escotismo saber nòzinhos. Há que aplicá-los.

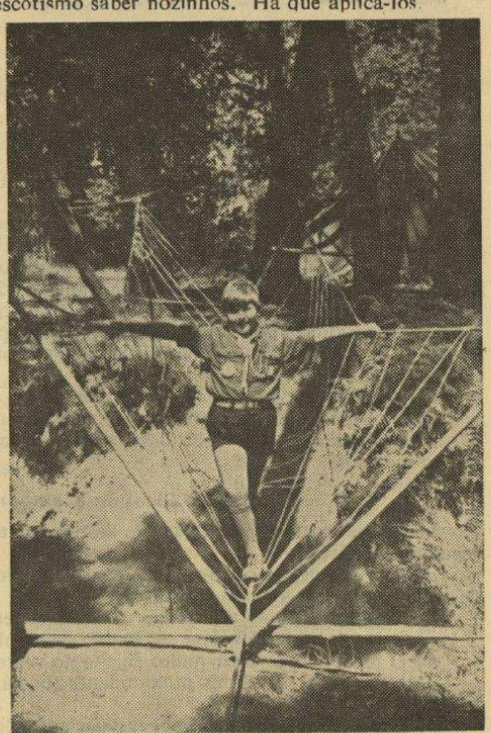
A melhor aplicação está na arte de pioneiro, onde avultam construções de toda a espécie, desde as pontes aos postos de observação e até à construção de abrigos e casas em pleno campo.

A partir do próximo mês começaremos a dar indicações necessárias para a iniciação nestes trabalhos.

Convém, todavia, praticar bastante os nós de terceira e segunda classes, que são básicos para estas construções.

Também as espias e cabos utilizados em pioneirismo têm de ser objecto de estudo, dado que não se podem empregar cordas muito finas.

Se aprenderes nós com espias finas, terás que praticá-los com cabos grossos, para te habituares ao seu manejo.



Este risonho lobito experimenta uma ponte himalaia.

A gravura que publicamos mostra-nos uma ponte muito utilizada no Himalaia. Serve apenas para passagem de pessoas e tomou o nome de himalaia (porém eu gosto de a apelidar de «macaca», tal a ginástica que terá de fazer quem for inexperiente na sua travessia)

Aprenderemos também a construir passarelas que servem muito bem para passagem de veículos ou carrocinhas escotistas.

Tudo isto está ao teu alcance, desde que tenhas bons cabos e companheiros entusiastas para o empreendimento.

A. I.

TÉCNICA & SABEDORIA

Por BICHO DA MADEIRA



Nesta página, dedicada aos escoteiros de 2.ª e 1.ª classes, vamos dar início à explicação de algumas especialidades e provas de classe.

Começamos hoje por falar de uma especialidade que reputamos de muito interesse: a de

CAMPISTA

O que tens de aprender:

1.° — Saber escolher o local para montar um acampamento.

2.° — Saber equipar e montar um acampamento para 3 ou mais dias, asseguara a sua instalação (montagem de tendas) e dotá-lo dos



Fogão e forno de campo

requisitos necessários, tais como: higiene, cozinha, escoamento de águas, etc.

3.° — Saber prever a alimentação necessária para os três dias de campo e como conservá-la.

4.° — Saber utilizar e conservar o material de acampamento, reparar uma tenda, etc.

5.° — Conhecer as precauções a tomar na utilização das águas.

6.° — Conhecer as regras de higiene e da vida no campo.

7.° — Saber improvisar abrigos, conhecer vários tipos de fogueiras, manejar a machadinha e faca de mato e conhecer 12 árvores pelo perfil

8.° — Ter passado 20 noites, consecutivas ou não, debaixo de tenda e ter-se alimentado com comida preparada por si próprio.

9.° — Fazer um relatório pormenorizado e ilustrado com desenhos ou fotografias dum destes acampamentos.

10 — Ler no «Escotismo para Rapazes» as principais palestras sobre campismo, conhecimentos e conforto no acampamento.

Vamos então estudar cada uma das partes da especialidade, pela ordem indicada.

1.° — Escolha do local de acampamento

Um bom local para instalar um acampamento deve satisfazer às seguintes condições:

a) Ser um terreno seco e com ligeiro declive, pois livra-nos de ficarmos inundados quando chover.

b) Deve haver sombra próximo do acampamento.

c) O local das tendas deve ser batido de manhã pelo sol.

d) O local não deve ser muito sujeito ao vento.

e) Deve haver água nas proximidades (o máximo a 300 ou 400 metros).

f) Em campo aberto, devemos instalar as tendas perto das árvores. Dentro duma mata devemos preferir ou fazer uma clareira para as nossas tendas.

Devem condenar-se os seguintes locais:

— Lugares húmidos ou de muita sombra (porque conservam humidade).

— Proximidade de águas estagnadas, estábulos, estrumeiras e lugares com erva muito alta.

— Lugares muito próximos da cidade (mas convém evitar sítios demasiado isolados, onde se esteja fora de um socorro que se torne necessário).

Não esquecer que:

Devemos ter indicações precisas sobre água, géneros alimentícios, socorros, médicos e meios de transporte.

2.° — Equipar e montar um acampamento

Um acampamento de três ou mais dias não se pode limitar a montar a tenda e acender o fogão a gás.

São necessários requisitos tais como:

— Local das tendas;
— Cozinha e fossas e «casa de jantar»;
— Local dos víveres;
— Lugar de lavagens;
— Local de reunião e de Fogo de Conselho;
— Local do hipopótamo.

Comecemos pelas tendas:

Devem ser arrumadas em lugar bem seco, limpo ou relvado, onde o sol bata pela manhã.

Nunca se instalam tendas em locais onde haja ervas muito altas, nem próximo à margens de ribeiros, nem em lugares sombrios.

Depois de armadas as tendas, cava-se ao redor delas um rego de 20 cm de largura e 10 cm de profundidade. Este rego serve para receber as águas da chuva, inpedindo que elas invadam o interior das tendas. O rego termina para a frente da tenda, caminhando para o ligeiro declive que deve ter o terreno.

Se houver várias tendas para montar, fixa-se a mais importante ao centro e as outras em semicírculo.

Cozinhas, fossas e casa de jantar

A cozinha instala-se sempre a sotavento do campo (isto é no lado oposto ao vento), para se evitar que os fumos e faúlhas venham sobre as tendas.

Podemos utilizar, modernamente, fogões a gás ou a petróleo. Mas devemos também saber montar fogões de campo a lenha.

A «engenharia» escoteira até nos mostra fogões com forno, conforme podemos observar nas gravuras.

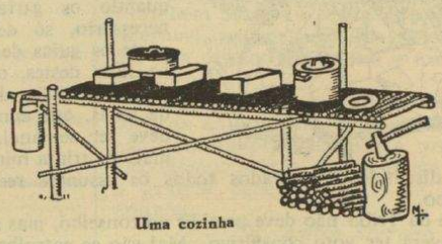
Conforto para o cozinheiro

O trabalho de cozinha é um dos mais pesados do campo e seria injusto deixar o Mestre Cuca à torreira do sol.

São necessárias sombras. Se não houver uma boa árvore junto da cozinha, improvisa-se um toldo.

É conveniente cercar sempre a cozinha e ali só podem permanecer os cozinheiros.

É necessário improvisar-se uma mesa para trabalho na cozinha.



Uma cozinha

Fossas

O asseio é indispensável no campo e por isso todos os detritos provenientes da cozinha devem ser guardados numa fossa que deve ter cerca de meio metro de lado e outro tanto de profundidade.

Situa-se a fossa a cerca de 10 passos para sotavento, dentro do espaço da cozinha e sobre ela coloca-se uma tampa feita de tronquinhos e folhas de árvores para evitar a penetração das moscas.

Conviria que os detritos fossem na maioria queimados num incinerador e finalmente colocados na fossa. Isto evitaria realmente moscas e outros insectos fossem atraídos.

Deve ser construída uma fossa mais pequena para líquidos colocando algumas pedras no fundo da mesma, a fim de que os líquidos se escoem melhor.

No final do acampamento, ambas as fossas devem ser tapadas com uma boa camada de terra bastante calcada.

(*continua no próximo número*)

DOS AÇORES

PONTA DELGADA

Grupo n.º 80

O velho «80» dos Escoteiros de Portugal, de Ponta Delgada, o mais antigo grupo de escoteiros dos Açores, tem continuado com boa e regular actividade.

Durante o ano de 1971, o grupo teve várias boas actividades, ao nível de patrulhas e do grupo, algumas delas bastante interessantes, como seja a segunda volta à ilha de S. Miguel, a pé e em campismo, na qual tomaram parte o chefe de tribo, Eduardo Macedo, e os escoteiros Mário Raposo, Mário Paiva e Júlio Medeiros. O percurso foi feito em sete etapas, num total de 215 km, com a duração de oito dias.

Festa do Aniversário

O grupo 80 festejou recentemente o seu 43.º aniversário com diversas cerimónias, entre elas, um compromisso de honra, entrega de estrelas de antiguidade e insígnias de capacidade.

Seguiu-se uma reunião de convívio entre escoteiros, famílias e simpatizantes.

Morte dum Caminheiro

Num grave desastre de viação, que teve como consequência duas mortes e quatro feridos, perdeu a vida o caminheiro do grupo 80, Carlos de Medeiros, com 11 anos de serviço no grupo.

No funeral, realizado a 12 de Fevereiro, tomou parte o efectivo do «80», em sinal de pesar pela perda do seu infeliz companheiro.

Concurso fotográfico

O grupo 80 realizou recentemente na sua sede um concurso fotográfico, com exposição, destinado a Escoteiros e Caminheiros. — C.

ILHA TERCEIRA

Aniversário da patrulha «Leão» do Grupo n.º 52

A patrulha «Leão» realizou, em 5 de Fevereiro, uma reunião especial comemorativa do aniversário da sua fundação, reunião que começou pela renovação do compromisso de honra, entoando-se em seguida o «Eh lá!»

Após o guia da «Leão», Jorge Coelho, se ter referido ao acto e ter agradecido a presença dos que ali se encontravam, o chefe-adjunto do 52, prof. Leopoldino Tavares, proferiu algumas palavras, historiando a vida da patrulha.

Estiveram presentes, além dos componentes da patrulha em festa, representantes das demais patrulhas do grupo, que no final foram obsequiados com doces e refrescos.

Reunião dos escoteiros americanos

Em 8 de Fevereiro, reuniu no Salão Lisboa do Clube de Oficiais Americanos da B. A. 4. — Lajes, a secção Escoteira dos «*Boy Scouts of America*» (*Troop I*), com famílias e convidados, num total de 129 presenças.

A reunião, que foi precedida de jantar, foi presidida pelo Brigadeiro-General Thomas A. Aldrich, comandante do destacamento americano das Lajes. Viam-se, na mesa de honra, além do General Aldrich, os srs. Donald Stotts, coordenador das actividades (americanas) escotistas na base americana e esposa, William Dell, comissário escotista, e esposa, sr.ª de James LaFredo, esposa e colaboradora do Chefe do grupo 1 e dirigentes dos lobitos, o EC. Jacinto dos Reis Moniz Silva, dirigente dos Escoteiros de Portugal, e o Capelão-Capitão Fr. Hunter.

Antes do jantar, deu as boas-vindas à assistência e apresentou os convidados, o sr. Alberto Berlenga, presidente do grupo americano.

Seguiu-se um cerimonial escoteiro, que foi dirigido pelo Chefe do grupo americano, James LaFredo, coadjuvado pelos chefes-ajudantes John Nebelsiek e Gary Harrell.

Reunião anual dos lobitos americanos

Precedida de jantar, e com 205 convivas, entre lobitos, famílias e dirigentes, realizou-se em 24 de Fevereiro, no Airmen's Club da Estação Americana da B. A. 4. (Lajes, Ilha Terceira), a reunião anual dos lobitos americanos (*Pack I*), fundado, em 1951, e que este ano comemora oficialmente o seu 20.º aniversário.

Presidiu o chefe da alcateia James P. Gallagher, que deu a sua direita ao coronel Reynaldo Rodriguez, em representação do general-comandante do destacamento americano, e ao EC. Moniz Silva, delegado dos Serviços Centrais da AEP e chefe do grupo 52 de Angra do Heroísmo, e família. Do lado oposto, encontravam-se Francis Schick, novo chefe da alcateia, William Dell e esposa, e Sr.ª Serrano, representante do N. C. O. Wives Club, entidade patrocinadora da alcateia.

O chefe Gallagher deu a palavra ao EC. Moniz Silva, que num breve improviso lembrou a fundação da alcateia (*Pack I*), em 1951, em cujo acto ele teve papel predominante, e felicitou aquela unidade americana pelos continuados progressos que se podiam observar naquela florescente alcateia.

Usaram ainda da palavra o comissário da zona, William Dell; o novo chefe da alcateia, Francis Schick; e por fim o chefe Gallagher.

Depois de diversos actos do cerimonial escoteiro, foi ainda apresentada uma engraçada pantomina, interpretada por dirigentes da alcateia.

Campeonato individual de Pingue-Pongue

Terminou o campeonato individual de ténis de mesa, efectuado entre os filiados do Grupo 52, para o qual foi instituído um trofeu, denominado «Moniz Silva» pelos seus promotores.

No dia 26 de Fevereiro, o EC. Moniz Silva foi convidado a fazer entrega do referido trofeu, no início dum torneio-relâmpago de pingue-pongue, para encerramento daquela actividade. — C.

A FRATERNAL DOS ANTIGOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL EM LONDRES

Continuação da pág. 7

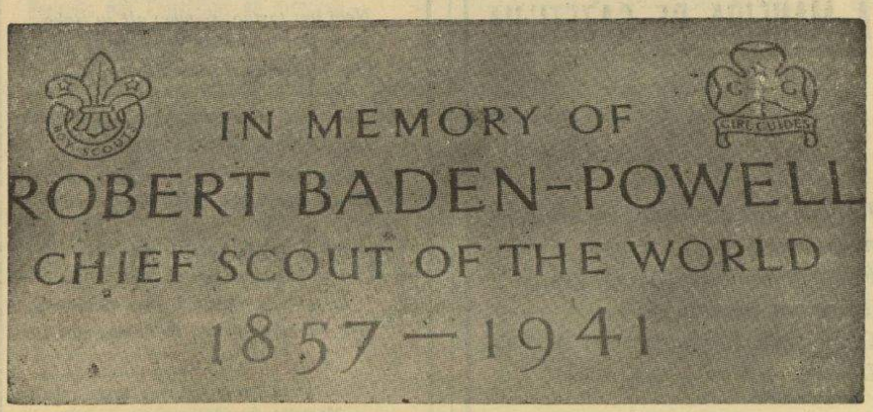
ta-se de estabelecimentos em que, através da decoração da sala e dos característicos uniformes do pessoal, se tenta recriar um ambiente com reminiscências de uma época que, embora relativamente recente, a evolução dos tempos modernos mergulhou nas trevas do passado, ainda que presentemente seja susceptível de gerar sentimentos nostálgicos em almas dadas ao romantismo...

Os elementos da caravana ocuparam, quase por completo, as mesas do restaurante, distribuídas pelo andar térreo e pela galeria. Um pianista, conforme ia sendo servido o jantar, executava várias e conhecidas canções, apropriadas ao ambiente que ali se quer fazer reviver. Quando dedicou aos portugueses presentes a célebre melodia *Abril em Portugal*, atingiu-se o auge: todos cantaram as conhecidas estrofes da canção que recorda a Pátria, naquele momento distante. Foi um ponto final de grande animação, que teve a virtude de atrair a atenção de todos quantos ali se encontravam e suscitar boa disposição, até entre o próprio pessoal.

Chegou, por fim, a hora da retirada e do regresso. Estava a terminar essa jornada de camaradagem que a visita a Londres representou, cuja breve duração faz com que a nossa estadia hoje se nos afigure como uma irrealidade ou uma visão onírica.

Na viagem de regresso um só pensamento dominava todos os participantes: foi pena não podermos ficar mais um ou dois dias para melhor podermos apreciar as maravilhas que nos oferece a grande cidade e mais calmamente apreciar e corresponder à amizade de que nos vimos rodeados.

Todavia uma certeza ficou: Valeu a pena e nem a pressa com que nos separámos à chegada a Lisboa impedirá de garantirmos uma evidente verdade: a Fraternal prestou um excelente serviço aos seus associados.



A lápida em memória de B.-P. existente na Abadia de Westminster, junto da qual, a Fraternal prestou homenagem ao Fundador do Escotismo.

DAR SANGUE

UMA FORMA DE SERVIR

Lutam os hospitais e as casas de saúde com a falta de sangue. No nosso país, as necessidades de plasma sanguíneo só podem ser atendidas em 80 % dos casos. Que acontecerá àqueles doentes em que não é possível levar o benefício da transfusão? eis uma pergunta que tem algo de doloroso.

Problema de importância transcedente, pois a carência deste precioso fluido pode trazer desastrosas consequências, tem esta particularidade que deve ter o devido relevo: é um problema a que cada um de nós pode dar, na maioria dos casos, achega para ser resolvido.

Eis, pois, uma missão em que os caminheiros portugueses podem assumir papel preponderante: dar sangue. Não se julgue, porém, que, se os caminheiros acorrerem a esta chamada, se vão tornar em pioneiros de uma causa nobre. Felizmente há já muitas pessoas, algumas até antigos escoteiros, que se aperceberam há muito desta necessidade ingente de dar sangue. Só é de estranhar, neste caso, é o facto de os escoteiros ainda não terem correspondido ao apelo que constantemente é feito.

Estamos, por conseguinte, diante de uma oportunidade de servir com a consciência plena de estar contribuindo para que seja minorado o sofrimento do nosso semelhante.

Vamos dar sangue?

Todas as pessoas que gozem de saúde normal, se encontrem em boas condições físicas, tenham entre 18 e 60 anos, podem tomar parte nesta utilíssima campanha.

E ainda há um aspecto que verdadeiro interesse para o dador: é que o seu sangue será submetido a cuidadoso exame clínico e laboratorial de que receberá uma garantia do bom estado da saúde e que, embora em casos remotos, poderá permitir dar conta da existência, em forma latente, de doenças que poderão ser combatidas a tempo e horas.

Caminheiros portugueses! Guias portuguesas! Vamos dar um pouco do nosso sangue?

ESCOTEIROS E NÃO ESCOTEIROS!
FILATELISTAS E NÃO FILATELISTAS!

AJUDEM!

Juntem e mandem selos usados à AEP (Associação dos Escoteiros de Portugal — Cais do Sodré — Lisboa-2), para que esta, por sua vez, e juntando os que arranja entre amigos, os remeta à Repartição Mundial do Escotismo com destino ao Fundo especial criado para ajudar o ESCOTISMO DE EXTENSÃO (cegos, deficientes motores, etc)

Pensando só no efectivo da AEP e nos inscritos na Fraternal dos Antigos Escoteiros, digamos 1 000 membros ao todo, SE CADA UM DELES ENVIAR POR ANO 100 SELOS USADOS, no fim do ano a AEP poderia remeter para a REPARTIÇÃO MUNDIAL

100 000 SELOS!

E se fosse UM MILHÃO?

Se em todo o Mundo cada escoteiro enviasse por ano 1 selo (Um!), vender-se-iam 10 MILHÕES DE SELOS USADOS a favor deste fundo.

Vamos ajudar! É fácil. Criem o hábito!

XLII POEMETO FILATÉLICO

Diante do selo recordativo da Torre dos Clérigos, Símbolo turístico do Porto

No burgo das liberdades
dum povo laborioso
em suas actividades,
eleva-se a torre esguia
como um farol luminoso
que o seu trabalho alumia.

EDUARDO MOREIRA

À MANEIRA DE GAZETILHA

Dizem os grandes quotidianos que há cem mil ursos na U. R. S. S.

Poucos «ursos» são incursos
nos cursos de Portugal.
Fervem cunhas: os recursos
de quem estuda, afinal!
Os russos têm cem mil ursos.
Desses, por cá, nem sinal!

E. M.



D. Virgínia Lima Basto

Com a provecta idade de 101 anos, faleceu em 13 de Fevereiro passado, a Sr.ª D. Virgínia Lima Basto, tia do falecido Professor Edmundo Lima Basto e prima coirmã do nosso estimado colaborador Sr. Rev. Eduardo Moreira. À família enlutada apresentamos condolências sentidas, particularizando o nosso ilustre amigo.

CURIOSIDADES

CRIAÇÃO DE CROCODILOS

Pois é verdade! Há quem se ocupe a criar crocodilos e parece que a actividade é rendosa! Nas margens do rio Nanyana, na Rodésia, junto ao lago Kariba, há agora uma fazenda para criar estes bichinhos. O proprietário, Keith Yates, tratador de répteis, procura recolher a quota anual de 2000 ovos enterrados na areia das margens do Zambeze, acima do paredão da barragem e afirma ter demonstrado ser possível apresentar peles de crocodilo tão boas ou melhores que as do crocodilo selvagem.

Haverá por aí alguém que esteja disposto a dedicar-se ao negócio?

A melhor esmola

Pedindo uma esmolinha, porta em porta,
Descalça, esfarrapada, enfraquecida,
Passou à minha rua, semimorta,
Certa velhinha já desfalecida.

Seu peito suspirava a cada instante,
A cada passo ouvia-se um lamento,
Seu olhar era triste e suplicante,
Seu rosto só mostrava sofrimento.

Chegou à minha porta e, num gemido,
Pediu-me qualquer coisa p'ra comer,
Mas eu fiquei bastante dolorido,
Pois nada tinha para lhe valer...

Na vida nunca conheci fartura,
Nem um tostão, sequer, ali eu tinha,
Nem pão havia em casa nessa altura,
Que mitigasse a fome à pobrezinha.

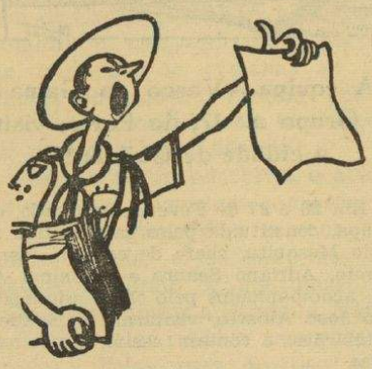
Por não poder fazer o meu desejo,
Disse para a velhinha, a soluçar:
— Ao menos, irmãzinha, aceita um beijo
Já que outra coisa não te posso dar...

Ela mostrou-se tão reconhecida
Que se esqueceu até quanto sofria.
E lá partiu, chorando, em voz dorida
Não sei se de pesar, se de alegria.

Versos do nosso estimado colaborador e antigo dirigente escotista Manuel Tacão Monteiro, quando contava apenas 18 anos de idade.

UMA CAMPANHA EM MARCHA

MAIS DUZENTAS ASSINATURAS!



O brado de alerta que lançámos no último número teve o condão de despertar o interesse por esta campanha, numa manifestação de simpatia que nos sensibiliza e muito agradecemos.

Assim, podemos anunciar agora mais as seguintes novas assinaturas: srs. António Miguelote de Castro Monteiro, de Viana do Castelo; Francisco José Pires, das Caldas da Rainha; Florindo Esteves dos Santos, de Lisboa, o qual simpàticamente aderiu à categoria de patrocinador; António Ferreira de Miranda, em servico militar no Ultramar, Rui Manuel Fragoso Vieira Lopes, de Queluz; e José Fernando Fonseca Marinho, de Lisboa.

O nosso dedicado amigo sr. António Pinto, que também aderiu à categoria de patrocinador, entregou-nos a importância da sua assinatura, bem como a do novo assinante, por ele proposto, sr. Rogério de Freitas, também da categoria de patrocinador. Propôs igualmente um outro novo assinante, o sr. Ernesto Augusto Pereira dos Santos.

As sr.as D. Maria Fernanda Cabrita Machado, D. Maria Filomena Machado da Luz, D Ana Clara Assunção Oliveira, D. Zulmira Cabrita Machado e D. Olga Correia de Oliveira e os srs. Joaquim Gomes de Oliveira, Manuel Nascimento Duarte, Alípio Godinho Ferreira e Fernando Neves Silva, todos de Lisboa, propostos pelo nosso estimado colaborador Gamo Ligeiro, *são também novos assinantes deste jornal.*

Com estas 17 assinaturas, a nossa campanha totaliza agora 93. É um número encorajador, mas ainda longe do alvo que nos propusemos atingir. E sinceramente, caros Leitores e Amigos, precisamos de que a nossa campanha vá mais além.

Quem mais responde a este apelo?

* * *

O sr. Dr. Ernesto Moreira, antigo escoteiro do Grupo 1, teve a gentileza de nos oferecer, por intermédio de seu pai, o nosso ilustre colaborador sr. Rev. Eduardo Moreira, a quantia de 300$00 para auxílio de «Sempre Pronto».

Também os nossos bons amigos e assinantes srs. Joaquim Manuel de Oliveira e Luís Pires de Oliveira nos enviaram o valor de um ano de assinatura.

A todos, os nossos agradecimentos pela magnífica colaboração que nos estão a prestar.

EM GENEBRA

Reunião dos Conselhos de Direcção e de Finanças

O Conselho de Direcção, composto pelos srs. Delgado (Filipinas), Carty (Canadá), Chacksfield (Grã-Bretanha) e pelo secretário-geral Laszlo Nagy, reuniu-se em Genebra para apreciar os resultados da Conferência Mundial de Agosto de 1971, que se realizou em Tóquio, e da aplicação do plano quinquenal e para preparar a Conferência Mundial de 1973, que se realizará no Quénia.

O Conselho de Finanças também se reuniu para discutir o aspecto financeiro da aplicação do plano quinquenal que visa especialmente a assegurar a autonomia financeira do movimento em todos os níveis e a dotar cada país, o mais ràpidamente possível, de responsáveis de finanças da sua associação, assim como da coordenação.

Um seminário escotista em África

Realiza-se de 19 a 30 de Março, no Daomé, o 1.º seminário escotista sobre desenvolvimento, iniciativa levada a cabo pela Secretaria Mundial do Escotismo.

As associações escotistas africanas foram convidadas a enviar participantes. Além destes, ainda estarão presentes representantes doutras regiões, a fim de tomarem contacto com organizações deste género e poderem levá-las a efeito no futuro.

O governo do Daomé, várias agências das Nações Unidas e numerosas associações escotistas ofereceram a sua colaboração em pessoal, em material e em recursos financeiros.

Este seminário marca uma nova etapa na aplicação do plano quinquenal do escotismo. O seu objectivo é a determinação dos meios práticos que visem a associar o escotismo ao desenvolvimento económico, social e educativo dos países em vias de desenvolvimento.

É PRECISO ESTAR SEMPRE PRONTO

É este o apelo lançado a todos os escoteiros, logo desde o início da sua entrada no Escotismo. Porém, raros são aqueles que procedem conforme o que lhes é aconselhado. Porquê? Várias respostas poderiam ser dadas, porém a maioria não responderia à pergunta formulada. Tem-se observado cada vez mais um total desinteresse por parte da maioria dos escoteiros para os apelos do jornal.

Fazer um pouco de jornalismo não cansa ninguém, e até, se repararmos bem, este desporto tem grandes adeptos na rapaziada. Porque então se hesita em aderir a tal actividade? Não compreendo que não queiras contribuir para a evolução da tua própria cultura. Seria descabido pensares que não tens jeito para escrever. Tenta!! Escreve algo sobre o teu grupo ou patrulha; sobre um acampamento ou um *raid*, sobre uma exposição ou uma observação e nós aceitaremos, se estiver algo errado nós procuraremos corrigir. O nosso agradecimento é a mais válida recompensa para quem representou o grupo com um simples artigo.

Acolhe o brado de «Alerta» de «Sempre Pronto» e crê que tudo o que fizeres neste campo é uma bem patente demonstração de que estás realmente «Sempre Pronto».

Eu próprio desejaria formar uma equipa de sólidos escoteiros que se dispusesse a colaborar comigo. Para todos aqueles que quiserem responder a este apelo escrevem para:

Joaquim Manuel A. Oliveira
Rua do Funchal n.º 10 r/c esq.
Pontinha — LISBOA-4

Espero não ficar desiludido, o que acontecerá se, entre centenas de escoteiros, quer do Continente quer do Ultramar, não receber resposta, e assim ter de chegar à conclusão de que não existem realmente escoteiros SEMPRE PRONTOS.

GAMO LIGEIRO

Custódio Antunes Macedo

Este nosso prezado amigo, a quem o «Sempre Pronto» muito deve, pai do nosso estimado colaborador e ex-administrador deste jornal sr. Capitolino Ferreira Macedo, há já algum tempo que se encontra retido no leito, devido a forte enfermidade que o acometeu.

Felizmente podemos anunciar que já entrou num período de franca convalescença, sendo de prever para breve um completo restabelecimento, com o que muito nos congratulamos.

Também sua esposa, a sr.ª D. Carlota Ferreira de Macedo, se encontra doente. Para ela, vai o nosso sincero desejo de completas e rápidas melhoras.



MAS QUE GRANDE FUNERAL...

(Do «Jornal da Costa do Sol» com a devida vénia)

O «Tubarão», como bom escoteiro, é obediente, tanto aos seus pais como aos seus superiores. Mal a campainha da escola toca para a terminação da última aula, ei-lo que parte para casa, respeitando sempre as determinações de seus pais, que gostam de vê-lo em casa por volta da meia-noite, o mais tardar. E é vê-lo nas noites em que não tem aula, por falta de algum professor, a não querer aproveitar-se dessa oportunidade para ficar cavaqueando com os «cábulas»...

Sabendo levar esta vida bem regrada, «Tubarão», todas as vezes que o seu grupo acampa, não necessita de insistir com os seus pais para obter licença. Basta pedir uma única vez para ser satisfeito. Além de ser um bom filho, como bom escoteiro, seus pais conhecem, como poucos, quais as vantagens da vida escotista e sabem também a quem fica seu filho entregue, quando dorme fora de casa.

Aproveitando uma bela noite de Julho, o chefe de 1001 (donde faz parte o «Tubarão») resolveu acampar. A dificuldade estava na escolha do local. Discutiam o local do acampamento, quando o «Tubarão» se lembrou da quinta do seu tio Manel, num sítio aprazível, com o sereno Tejo a correr numa das extremidades... A ideia do «Tubarão» foi acolhida com grande contentamento e uma infinidade de abraços fizeram suar o nosso escoteiro. Assentou-se, então, na hora da partida e o que cada um devia levar, marcando-se a reunião de todos no Terreiro do Paço, junto dos barcos que fazem carreira para Cacilhas.

Chegaram todos antes da hora marcada, como, afinal é já costume. Transportados à outra margem do rio, tomaram o autocarro para o Caramujo, em direcção à Quinta das Águas Vivas, onde chegaram perto das 9 horas da noite.

Recebido pelo tio, primos, primas, com grandes demonstrações de afecto, «Tubarão», cavalheirescamente, apresentou o chefe do grupo e todos os escoteiros, «que vinham, se o tio desse licença, passar a noite na quinta, respirando o saudável ar que percorre em todas as direcções, liberto de poeiras, como o que respiram na cidade». O tio riu-se com gosto da lembrança do sobrinho, mas não ocultou a dificuldade em alojar tanta rapaziada...

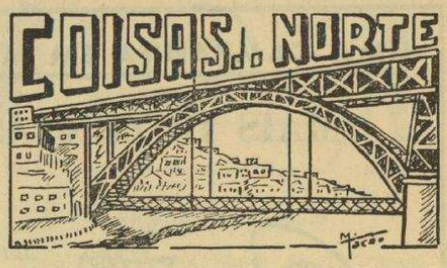
«Tubarão», em breves palavras, explicou ao tio o que vinha a ser o escotismo, e por consequência o que o seu grupo desejava era autorização para armar as barracas ao fundo da quinta, junto ao sítio onde corre o rio, e nada mais. A tia não consente. «Não senhor. Tu estás maluco, rapaz... Então com uma noite tão agreste e ainda por cima junto ao rio? Não consintas Manel!», dizia voltando-se para o marido. «Arranjem-se mesmo que seja na adega, mas ao ar livre, não!»

Depois de uma troca de explicações entre o tio Manuel e o chefe do 1001, a família aquiesceu em deixar armar as barracas, mas, pelo menos, queriam o sobrinho dentro de casa. Assim se fez. Antes, porém, de irem acampar, acompanharam o «Tubarão» ao quarto e receberam inúmeras recomendações para que pusessem no chão muitos panos, por causa das formigas e outros bichos... «Tubarão», irònicamente, diz que nunca foi incomodado nos acampamentos, mas ao abrir a cama encontrou logo um percevejo. A prima Alice, um pouco ruborizada, disse-lhe que sossegasse, porque estava morto, e, no meio de muita risada e boas-noites, cada um se retirou para os seus aposentos...

Às 6 horas da manhã já pelo acampamento vai grande animação. Uns foram banhar-se, sob as vistas e indicação do chefe; outros prepararam o café e os mais sisudos andam em importantes explorações.

Nisto, vê-se um vulto embrulhado em roupas de cama a correr vertiginosamente para as barracas. Quem será? Parece o «Tubarão»... Mas não, se fosse ele, vinha fardado... Contudo, não há dúvidas, é ele. Efectivamente, é o «Tubarão», que traz o fardamento nas mãos e vem gritando, parodiando: «O percevejo que estava morto, morto estava... mas o pior foi os que surgiram para ir ao seu funeral. Que grande acompanhamento!...»

RIBEIRO NUNES



A equipa «Vasco da Gama» do Grupo n.º 17, do Porto, visitou a cidade de Guimarães

Em 26 e 27 de Fevereiro passado, esta equipa, constituída pelos caminheiros António Mesquita, chefe de equipa, Jasmim Arroio, Adriano Seabra e Jerónimo Aníbal, acompanhados pelo chefe administrativo José Alberto, visitaram a cidade de Guimarães, e contam assim a sua aventura:

«Cheios de confiança, lá vamos estrada fora, silenciosos, uma vez por outra fazendo qualquer comentário. Percorridos alguns quilómetros a pé, sentimos uns pingos de chuva. Continuámos como se nada fosse, mas... mas..., a coisa começou a sério e tivemos de procurar abrigo. Aguardámos que a chuva amainasse e seguimos em frente.

«Chegámos a Santo Tirso 'ligeiramente' molhados. Mudámos de roupa, bebemos café bem quente e reunimos para decidir se a viagem continuava. «Não voltamos para trás» — foi a resposta. Mas como o tempo continuava encoberto resolvemos fazer o resto da viagem de comboio, o que não foi menos interessante porque pudemos observar o que a natureza tem de belo.

«Chegámos!» — exclamação geral. Resolvemos ir para trás do Castelo, onde almoçávamos. Mais uma vez a Providência não nos desamparou, porque, quando estávamos na sobremesa, surge o Chefe Escuta do Agrupamento 331, graças a quem conseguimos superar as dificuldades que surgiram. Guardámos as mochilas na sede daquele agrupamento e montámos a nossa tenda. A partir daí tivemos sempre a agradável companhia de um Escuta local, que nos orientou nas visitas, tendo ido à Penha, a S. Torcato, visitando o Castelo, a igreja onde D. Afonso Henriques foi baptizado, a cidade velha e nova. Depois do jantar, fizemos um fogo de conselho, que esteve animado e teve a presença do Chefe do Núcleo do C. N. E., sr. Duarte; do Chefe do Agrupamento, sr. Celso Barbosa; Chefe Instrutor sr. António Soares, caminheiro Bento Pimenta e Guia Manuel Lobo, outros escutas e visitantes.

«No dia 27, depois de termos dormido um reconfortável sono na nossa 'confortável' cama, assistimos a provas desportivas do Núcleo do C. N. E., nas quais fomos convidados a participar, tendo o nosso Jerónimo Aníbal obtido o 5.º lugar num corta-mato. De tarde, visitámos ainda os Paços do Duque».

Os caminheiros do «17» ficaram sensibilizados pelo acolhimento que lhes foi dispensado pelos dirigentes e escutas locais, absolutamente inesperado porque não fora anunciada a visita.

Já colaborou na campanha de assinaturas?

Falta de respeito ou ignorância?

Continuação da pág. 16

Mas há mais:

Ainda há dias, num daqueles cortejos de oferendas, em que, para arrancar o entusiasmo público, se procura sejam de Carnaval de riso, vimos, com assombro e escandalizados, perante uma multidão de centenas se não milhares de pessoas, desfilar com a Bandeira Nacional, como se ela fosse uma simples e banal flâmula!...

Chega a ser inconcebível, o à-vontade com que «pequenas comissões de lugarejo» congregando a presença das crianças locais, e enfiando-lhes um parecido uniforme de marinheiro, as levam a transportar a Bandeira Nacional, assim, pelas ruas da amargura!...

Não. Pelas ruas do riso e da palhaçada!..

Isto, como se vê, será tudo talvez, menos sentimento patriótico.

Mas, o que é mais triste, e que sobremaneira nos chocou, foi o facto de, nesse mesmo cortejo, não ficarem alheios os irmãos escoteiros, fardados, transportando, no meio de tanta balbúrdia, a Bandeira das Quinas, também!!!

Se anualmente, por ocasião das festas de Carnaval, proibimos rigorosamente aos nossos rapazes a participação das peças da nossa farda nessas manifestações de Entrudo, como se concebe que participem escoteiros, fardados, nestas «zonas» como se o nosso uniforme fosse um traje de folclore qualquer?

Se regulamentarmente, como todos sabemos, não é permitido aos Grupos de Escoteiros, isoladamente, transportarem a Bandeira Nacional, como se deverá tolerar a presença desta, transportada pelos escoteiros, nestes cortejos de tanta banalidade?!

Não. Sinceramente não está certo todo este procedimento.

Mas concluamos: será isto falta de respeito ou ignorância, acerca do respeito que é devido à Bandeira Nacional? Talvez um pouco das duas coisas juntas.

Coloquemos, sim, a Bandeira Nacional, em toda a parte de lugares de honra, mas sempre muito acima da banalidade. O contrário será dar um tremendo «safanão» na face da própria Pátria.

MELRO NEGRO

(N. da R. — As judiciosas considerações que este nosso companheiro faz a propósito de atitudes de desrespeito, ou pelo menos de leviandade, quanto à Bandeira Nacional, merecem todas, como não podia deixar de ser, o nosso inteiro aplauso.

Refere, porém, o nosso estimado colaborador um acontecimento que este jornal, entre duas possíveis atitudes, optou pela que lhe pareceu mais aceitável: não lhe fazer qualquer alusão e aguardar que quem de direito sobre ele se pronuncie.

O nosso colaborador, no uso de um direito que não se pode contestar, não o entendeu assim, tanto mais que Melro Negro *é um prestigioso dirigente do CNE.*

Ao fazermos este esclarecimento, outro objectivo não temos senão o de definir a nossa atitude ante o melindroso problema, o que fazemos com a lealdade com que pautamos o nosso procedimento).

A VISITA AO ESCOTISMO BRITÂNICO

Continuação da pág. 1

teiros, até à forma como estes foram acarinhados e obsequiados no próprio Parque, tudo comprova a alta estirpe escotista dos nossos anfitriões.

Que dizer de todas estas manifestações? Para já, uma coisa é certa: as reuniões escotistas internacionais são realmente um veículo eficaz para o estabelecimento da compreensão e da fraternidade entre os povos.

B.-P. não se equivocou.

Convém que estes factores não deixem de ser devidamente considerados neste Ano Escotista Europeu da Amizade.

Que este verdadeiro banho de Escotismo perdure nas nossas lembranças e inspire o trabalho que nos propusemos realizar no Escotismo.

O BRASÃO NACIONAL E OS LUSÍADAS

Uma gralha, sempre antipática, «pousou na notícia publicada no último número acerca da conferência que o nosso mui estimado companheiro sr. Rev. Eduardo Moreira proferiu na Sociedade de Língua Portuguesa.

Assim, na página 7, onde se vê: «*Os ingleses sabem que o Jack inglês é composto de três cruzes: Santo André, S. Jorge e Santo Acácio, deve ler-se «...Santo André, S. Jorge e S. Patrício»*, pois que este último santo é o patrono da Irlanda, como se sabe.

As nossas desculpas pelo involuntário lapso.

No Brasil, foi criada a Fundação Baden-Powell, que tem por objectivo fomentar o movimento escotista

A União dos Escoteiros do Brasil acaba de criar a Fundação de Baden-Powell, a qual foi dotada com um capital inicial de cem mil dólares.

Esta Fundação tem por objectivo o desenvolvimento do escotismo em todo o país.

Concretamente, pretende-se que os actuais efectivos, que são de 43 000 membros, sejam aumentados em 10 anos para 1 500 000 escoteiros, 337 500 adultos e 750 profissionais em *full-time*.

A organização da excursão a Londres

A excursão a Londres que a nossa Fraternal promoveu, foi organizada por uma comissão composta por vários membros da FAEP, que trabalhou denodadamente para assegurar o êxito que realmente teve.

A representação dos Antigos Escoteiros foi presidida pelo nosso camarada Dr. Eugénio Henrique Ramos, presidente da Direcção da Fraternal, o qual teve um excelente auxiliar no nosso companheiro Amílcar Fernandes, cuja dedicação pelo nosso movimento não é demais referir.

Amílcar Fernandes, que desempenhou o cargo de tesoureiro da Comissão, teve um trabalho difícil no cumprimento do programa e na condução dos membros da caravana, trabalho que efectuou abnegadamente, como é natural em organizações deste género, e por isso mesmo mais digno de encómios.

É verdade que a organização não decorreu cem por cento bem — e como o poderia ser, organizada de tão longe e para um meio que era quase desconhecido? — mas sem nada que pudesse causar mal-estar ou desentendimentos.

Está por isso de parabéns a Comissão e a Fraternal por esta organização e é com muito prazer que vamos dar satisfação ao pedido de publicação das contas que o seu tesoureiro nos faz.

Balancete apresentado pela Comissão da viagem a Londres

RECEITA

Sobra das inscrições: *103 participações a 50$00 cada*	5 150$00
Ofertas apuradas em Londres para motoristas e Guias	1 893$60
	7 043$60

DESPESA

Expediente	
Circulares, recibos, selos, correio, telegramas, etc.	597$60
Passag. escoteiro e refeição	2 226$00
Ofertas de estojos com placas em Inglaterra . .	680$00
Crachás, bordados e metalizados	1 386$00
Donativo em Lisboa . . .	120$00
Donativo em Londres a Motoristas e Guias . . .	1 500$00
	6 509$60
Saldo entregue ao tesoureiro da FAEP	534$00
	7 043$60

Lisboa, 12 de Março de 1972.

AMIGOS EM TODA A PARTE...

Um Bandeirante do Brasil

A Guia (Bandeirante, como se designa no Brasil) Adma Lotufo Rebello, residente na cidade de Goiânia, no Sector Oeste, Rua R-4, n.º 210, deseja correspondência com Guias ou Escoteiros Portugueses. Aqui fica o apelo. Certamente vai receber notícias de Portugal.

Falta de respeito ou ignorância?



Mais por imperativo de consciência, do que por pretender meter a foice em seara alheia, proponho-me garatujar umas linhas acerca do que vou vendo e sentindo a propósito do desrespeito de que vem sendo objecto a Bandeira Nacional.

Bem sei que, mercê do transcendente significado daquele pedaço de tecido verde-rubro, deveria o que exponho, ser tratado por quem estivesse mais à altura do mesmo do que eu estou, mas a verdade é que, não é a voz dos outros que sossega a minha consciência de Escoteiro e de Português.

Já em tempos se escreveu, e eu li neste mesmo jornal a maneira como e onde é colocada a Bandeira das Quinas, a fim de serem evitadas situações que só revelam falta de respeito, se não mesmo ignorância acerca da devoção que é devida ao símbolo da Pátria.

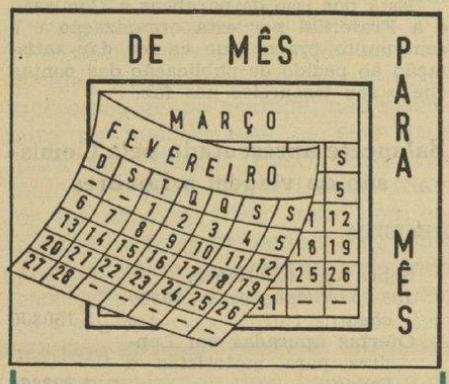
A fazer a vez de colcha em janelas, toalha em mesas, enquanto outras bandeiras de menor significado, são colocadas em evidentes lugares de honra, já a temos visto e observado, sentindo cá por dentro uma revolta interior que custa a calar!

Tal estado de coisas tem vindo a agravar-se nos últimos tempos, em forma significativa de falta de educação e afronta, à gloriosa Bandeira Nacional.

Desde o tristemente célebre caso da Igreja de Mácuti, onde, por dois padres, foi proibida a entrada, naquele templo, à Bandeira Nacional, transportada garborosamente por Escoteiros, ao facto de no Porto — ao que me constou — igualmente num templo só ser permitida a permanência do símbolo dos Portugueses estritamente no acto da Promessa escotista, como se a mesma fosse uma bandeira qualquer!.. Porque — antes — não teria sido interdita a permanência no templo da bandeira do grupo escotista local?!

Perante os factos, não há argumentos, mas a verdade é que só chegamos a esta conclusão: todos nós estamos muito precisados de voltar, a par das aulas da catequese, à escola primária!..

Continua na pág. 15



Apenas boas intenções?



Há já alguns meses, um numeroso grupo de caminheiros de Lisboa reuniu na sede central para lançar a iniciativa de fazer jornalismo, tentando despertar vocações, desenvolver possíveis aptidões e divulgar o Movimento. Fizeram-se considerandos acerca da missão da Imprensa e o colóquio animou-se com perspectivas de actividade interessante. Parece que havia apenas dificuldade material em realizar a iniciativa, mas o representante de «Sempre Pronto» apressou-se a declarar que as colunas deste jornal estavam abertas àqueles que quisessem trazer aqui as suas inquietudes, expressar opiniões, fazer apelos, divulgar ideias, informar ou noticiar.

Muitos meses são passados e não nos consta que tão grande entusiasmo tenha sido traduzido por qualquer realização. Não houve jornalismo nem se viram jornalistas. No entanto, as colunas de «S. P.» continuam à disposição daqueles que, para além de promessas, queiram realizar obra. E convém que esses jovens caminheiros façam prova de que são capazes de passar das palavras às acções para que se não diga que de boas intenções está o inferno cheio.

«SEMPRE PRONTO» EM CRISE

MERECERÁ REALMENTE A PENA?

O que dissemos no último número acerca da situação do jornal, despertou um movimento de simpatia por parte dalguns dos nossos leitores, manifestação de interesse que nos sensibiliza e por que estamos muito gratos.

A primeira resposta que nos chegou ao «brado de alerta», vem de um amigo e colaborador dedicadíssimo, que tem estado sempre presente com o seu avisado conselho, as suas palavras de estímulo e, sobretudo, com a sua apreciada e vigorosa colaboração. O Professor António Álvaro Dória lamenta não estar mais perto de nós para dar uma colaboração mais activa, mas, ciente das dificuldades, não só nos promete todo o auxílio que a sua vida tão ocupada permita, mas ainda nos diz que a sua assinatura anual passará para 100$. Tal atitude não carece de ser adjectivada, bastará apenas afirmar que estamos muito gratos e que a sua presença é encorajante.

Veremos até que ponto seremos capazes de corresponder a tanto interesse e devoção.

Outras atitudes de muita simpatia nos estão a distinguir. Lembramos as palavras amigas de Xavier de Brito, Amílcar Fernandes, António Pinto, João Patrício de Melo, bem como doutros amigos cujos nomes não nos ocorrem de momento.

Uma simpática carta do nosso estimado assinante sr. Joaquim Piscarreta, de Lagos, merece citação especial.

Desvanecidos por tais provas de amizade, vamos procurar retribuir de igual forma, mas os problemas do jornal ficaram bem expressos no último número. Precisamos de colaboração, queremos ter a certeza de que o jornal interessa ao Movimento Escotista e, sobretudo, é preciso que o Escotismo esteja presente no seu jornal.

O problema, portanto, subsiste em toda a sua gravidade. Sem mais assinantes e sem novos colaboradores, especialmente entre os jovens, não é possível manter o «Sempre Pronto».

Precisamos também de correspondentes nos grupos, elementos que se interessem pelo jornal, lhe mandem as suas notícias, conquistem assinantes, representem «Sempre Pronto». Onde estão esses colaboradores?

Sobretudo trata-se de um problema humano. A questão financeira estará resolvida logo que este problema esteja solucionado. Aguardemos, pois, a resposta dos nossos estimados Leitores.

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director, Editor e Administrador — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
MARIANO GARCIA
ARMANDO INÁCIO
JOAQUIM MANUEL A. OLIVEIRA

Equipa de Administração:
CAPITOLINO FERREIRA MACEDO
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA

Número avulso: 2$50 — Assinatura anual: 30$00